

ELAINE LOPES DA FONSECA

**ANÁLISE DO DISCURSO DE UM CACIQUE DE UMA ALDEIA GUARANI
LOCALIZADA EM ARACRUZ - ES :
O QUE EXPRESSA SOBRE SI, SUA ALDEIA E O HOMEM BRANCO.**

**MESTRADO EM
LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

PUC-SP

2006

ELAINE LOPES DA FONSECA

**ANÁLISE DO DISCURSO DE UM CACIQUE DE UMA ALDEIA GUARANI
LOCALIZADA EM ARACRUZ - ES:
O QUE EXPRESSA SOBRE SI, SUA ALDEIA E O HOMEM BRANCO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Prof.^a Dr. Leila Barbara.

**PUC - SP
2006**

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos,
reprodução total ou parcial desta Dissertação por processo de
fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data.

Para Evando e Janeide.

“Mas que povo escravizado pode cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias, e o ardor das feridas sua existência torturam? (...) Não; as ciências, a poesia e as artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem.”

Gonçalves de Magalhães – “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Leila Barbara cujo sobrenome o computador insiste em acentuar e eu, mesmo a contra gosto, tenho que retirá-lo. Obrigada pela dedicação e por acreditar em mi, mesmo quando nem eu mesma acreditava mais.

À Valéria que apareceu no meio caminho de forma tão marcante e especial. Sem a sua ajuda e sem o seu apoio a jornada teria sido muito mais dura...

Ao professor Tony Berber Sardinha agradeço em especial por ser sempre tão solícito.

Aos meus professores do Lael.

À professora Maria da Penha Lins que suscitou em mim o prazer pela Análise do Discurso.

À professora Lucia Helena Payroton da Rocha em quem tento me espelhar.

À especial amiga/irmã de tantos anos Leila com que compartilhei muitos momentos especiais em minha vida e com quem divido agora essa dissertação. Sem o seu apoio, sem a sua dedicação desmedida nada disso teria acontecido.

À Juliana, companheira de viagem, por sempre estar atenta ao calendário para nos lembrar dos feriados.

Aos colegas do seminário de orientação pela ajuda, pelo apoio e pelo carinho.

Aos funcionários do LAEL.

À Simone Araújo, amiga fiel, que sempre teve a palavra certa na hora certa.

Aos meus pais que nunca mediram esforços para fazerem de mim uma pessoa sempre melhor e que me amam incondicionalmente ... Além dos meus agradecimentos o meu amor eterno.

Ao meu irmão pela sua alegria... sempre.

À Bete minha amiga de tantos e tantos anos...

Ao grupo do desabafo: Araceli, amiga incondicional; Rivaldo, sempre tão carinhoso e gentil; a Tatiana uma nova amiga.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado teve como objetivo principal verificar as visões de mundo que o cacique tem de si mesmo, do seu povo e do homem branco. Para tanto, este trabalho encontrou suporte teórico na Gramática Sistemico Funcional de Halliday (1984) levando em conta metafunção ideacional para analisar a representação lingüística da realidade feita pelo cacique, e a metafunção interpessoal que considera a língua como elemento fundamental para expressar relações sociais, e para estabelecer esses relacionamentos. Além da GSF e da LC, o projeto desenvolvido para este volume fundamentou-se na Antropologia indígena (Junqueira 2000) que parte de uma concepção de cultura a partir da observação da linguagem. Há vários trabalhos que lidam com a questão indígena, entretanto nenhum deles enfocou o problema da construção de visão de mundo de um cacique guarani de Aracruz, ES à luz da GSF, conforme proposto aqui. Desta forma, o projeto buscou fazer uma contribuição original para o estudo do deste discurso.

O corpus empregados na pesquisa foi entrevistas em português com o cacique de uma aldeia Guarani de Aracruz, Espírito Santo. Em resposta à primeira pergunta de pesquisa, qual a visão de mundo que o Cacique constrói de si mesmo, viu-se que ele se vê como um líder ativo e que diz lutar pelos direitos do seu povo. Quanto à segunda pergunta, a visão sobre o seu povo, o cacique vê seu povo de forma positiva como sendo os verdadeiros donos da terra. Em relação à terceira pergunta, a visão sobre o homem branco, os resultados sugeriram que o cacique constrói uma visão de mundo negativa, pois o homem branco destrói, mata, burla as leis e ainda assim fica sem punição. A pesquisa pretende ter contribuído para os estudos da linguagem sob o viés da GSF ao mostrar por meio das escolhas lingüísticas de um falante que podemos analisar quais as visões de mundo que ele constrói sobre determinados fatos e pessoas que o cercam. Assim este trabalho pretende trazer uma contribuição original para a Lingüística Aplicada. Apresenta e discute ainda, as limitações bem como possíveis temas de pesquisas para o futuro, além de possíveis sugestões de aplicações sociológicas dos resultados.

Palavras-chave: Gramática sitemico-funcional, metafunção ideacional e interpessoal, cacique, discurso

ABSTRACT

This study aims at researching a “cacique’s” worldview of himself, of his people and of the white man. Halliday’s Systemic Functional Grammar (1984) is used as theoretical background: the ideational and the interpersonal metafunctions were used in order to analyze the *cacique’s* linguistic representations of reality. Indigenous Anthropology (Junqueira 2000) is also part of the theory since it defines culture by observing linguistic processes. A number of works has dealt with the indigenous question, but none of them actually researched the worldview of a “cacique Guarani” from Aracruz, ES, under the SFG theory. Thus, this project is an attempt to make a real contribution to the Discourse Analysis field.

The interviews with the ‘*cacique*’ are the corpus. When asked what his view of himself was, he answered that he considers himself as an active leader who is always ready to fight for the rights of his people. The *cacique* has a positive view of his people and considers them the real owners of the land. However, he has a negative view of the white man, who is seen as the one who destroys, kills, and is not punished for breaking the law. We hope to have contributed to Language Studies by showing that the choices made by speakers are meaningful and directly related to their worldview. This work intends to provide Applied Linguistics with an original contribution. It also presents and discusses future limitations, possible topics to be discussed in the future and suggestions of sociological applications of the results.

Key-words Systemic Functional Grammar, ideational and the interpersonal metafunctions, cacique, discourse

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 A gramática Sistêmico-Funcional	18
1.1.1 Registro e Contexto de Situação	21
1.1.2 As Metafunções.....	23
1.1.2.1 Metafunção Ideacional	23
a. processo material	29
b. processo mental.....	30
c. processo relacional.....	32
d. processo comportamental.....	32
e. processo verbal.....	33
f. processo existencial.....	34
1.1.2.2 Metafunção Interpessoal.....	35
1.1.2.2.1 Modalidade.....	37
1.1.2.2.2 Poder e solidariedade	38
1.1.2.3 A Metafunção textual	42
1.2 A Antropologia e a sua Ligação com a Lingüística Aplicada.....	43
CAPITULO 2 – METODOLOGIA	47
2.1 Objetivo e questões de pesquisa.....	47
2.2 Procedimento de coleta dos dados.....	48
2.2.1 O contexto de Situação.....	48
2.2.2 O contexto da pesquisa.....	50

a) O Município de Aracruz.....	50
b) Descrição da aldeia.....	52
2.2.3 Descrição das entrevistas.....	53
2.2.4 A Descrição do participante.....	57
2.3 Procedimento de armazenamento, seleção, classificação e análise dos dados	58
CAPITULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
3.1 A visão de mundo construída pelo cacique de si mesmo.....	70
3.1.1 Negociador político.....	71
3.1.2 Preservador da natureza.....	74
3.1.3 Líder e integrante da nação.....	75
3.1.4 Defensor da educação diferenciada.....	86
3.2 A Visão de mundo que o cacique constrói sobre o seu povo.....	88
3.2.1 Brasilidade.....	89
3.2.2 Cultura.....	91
3.3 A Visão de mundo que o cacique constrói sobre o homem branco.....	93
3.3.1 O homem branco e sua relação com a lei.....	93
3.3.2 O homem branco e os direitos indígenas.....	96
3.3.3 O homem branco e sua administração	97
3.3.4 O homem branco e o índio.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS	110

SUMÁRIO DE QUADROS

Quadro 1.1: componentes do registro.....	22
Quadro 1.2: Funções típicas de classes grupos e frases.....	26
Quadro 1.3: Tipos de processo, significado e participantes-chave.....	34
Quadro 1.4: Funções de fala e as suas respostas.....	36
Quadro 1.5: Funções de fala e as suas realizações	36
Quadro 1.6: graus de modalização	37
Quadro 1.7: graus de modulação	38
Quadro 2.1: Composição do corpus em tempo de gravação e número de palavras.....	59
Quadro 2.2: demonstrativo de listas alfabética e de frequência.....	60
Quadro 2.3: de Nódulos de Análise.....	61
Quadro 2.4: de Nódulos de Análise mais léxico de combinação.....	67

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1.1-Os tipos de processos	27
--	----

INTRODUÇÃO

A Lingüística Aplicada esteve, durante muitos anos, intimamente ligada a ambientes de sala de aula, trabalhando com questões referentes ao ensino e aprendizagem de linguagem. Mais tarde, porém verificou-se que essa ciência é muito mais ampla do que se imaginava e que o ambiente de sala de aula era um espaço restrito para os pesquisadores.

Hoje, a Lingüística Aplicada é uma área que se ocupa de estudar não só ambientes didáticos, mas também os ambientes empresariais, jurídicos e os vários fenômenos lingüísticos que ocorrem em determinados grupos sociais, como é o caso deste trabalho. Sua preocupação é buscar o que ocorre na linguagem a fim de se procurar contribuições para a melhoria ou esclarecimento desses fenômenos.

Por esse motivo, o objetivo deste trabalho é analisar a linguagem de um líder indígena, um Cacique de uma aldeia Guarani, localizada em Aracruz, ES de modo que se possa identificar quais as visões de mundo que ele constrói sobre si, sobre seu povo e sobre o não índio, identificado por ele como homem branco.

O trabalho torna-se relevante por se tratar de uma pesquisa de cunho social. Por meio da análise do discurso desse líder indígena pretende-se, ainda que de forma reconhecidamente modesta, auxiliar na divulgação da temática indígena para a sociedade de modo que algumas barreiras, ainda vigentes, possam ser ultrapassadas como o preconceito em relação a essa sociedade. Por meio desta pesquisa procurou-se ainda um caminho para a reflexão da riqueza que essa diversidade étnica propicia a comunidade nacional, explorando as idéias encontradas nesse discurso.

Desde de muito cedo todos os estudantes brasileiros aprendem que o Brasil foi descoberto pelos Portugueses em 22 de abril de 1500 e todos os anos, nesse dia, as escolas enfeitam suas crianças com acessórios e pintura no rosto semelhantes aos usados e feita pelos índios. O que as escolas ainda não fazem, e se fazem ainda é uma maneira muito discreta, é trabalhar os fatos do descobrimento do Brasil sob outros pontos de vista, como por exemplo, o do índio.

Sabe-se que a sociedade atual carrega consigo um preconceito muitas vezes explícito em relação às minorias e o índio não foge a essa estatística. Desde muito pequenos aprendemos na escola que os índios eram malvados, preguiçosos e sujos. Não se sabe ao certo de onde vem essas crenças o fato é que elas foram sentindo difundidas a ponto de influenciar toda a sociedade nacional.

A realidade indígena ainda está longe de ser a esperada pelos índios. Essa sociedade vem de um história de lutas e injustiças que acontecem a mais de quinhentos anos. Segundo Hoornaert e Prezina (2000) as sociedades indígenas na América foram dizimadas. Não se sabe ao certo quanto índios viviam aqui, quanto dos portugueses chegaram, o que se sabe é que os “eram tão numerosos que os portugueses não se cansavam de admirar a quantidade de aldeias encontradas à beira dos rios” (Hoornaert e Prezina 2000:109). O que tem são números aproximados, nada exato. Calcula-se que só na Amazônia havia cerca de dois milhões e no restante do território brasileiro, um milhão e meio perfazendo um total de três milhões e meio de habitantes indígenas somente na América do Sul.

Inicia-se aí, com a chegada dos portugueses e extinção dos povos indígenas. Com eles chegaram os jesuítas e outros missionários que tinham a missão de fazer com que os habitantes locais largassem os seus hábitos e sua religião e passassem a partilhar os valores lusitanos. Essa catequese acontecia em populosos confinamentos em que os índios ficavam mais sujeitos a doenças

trazidas pelos portugueses em função de um maior contato com o colonizador. Ribeiro (1996) compara ironicamente os missionários portugueses a santos homens dispostos a catequizar os índios.

Vê-se que desde o início da colonização do Brasil os índios foram sacrificados e relegados um segundo plano. Hoje, passados mais de quinhentos anos a situação não é diferente, talvez seja pior, embora o não índio tenda a dizer que não. Embora a situação do índio não seja positiva, não se pode negar que no último século a questão indígena está sendo discutida e muitos membros da sociedade nacional e internacional tem refletido sobre o assunto.

Em 1911 surgiu o decreto de número 9214, de 15 de dezembro que pregava “o respeito pelas tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: aquele que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente podia mudar”. Em 1973 foi elaborado o estatuto do índio e mais tarde em 1988 a reformulação da constituição brasileira que trazia os artigos, 210 referente à educação indígena e 231 referente a condição do povo indígena em relação as suas terras, a sua cultura , a sua linguagem, as suas crenças e as sua tradições e 232 referente a capacidade legal do índio.

Levando em conta o exposto acima, a situação do índio primitivo, esta pesquisa procurou investigar a situação do índio atual para a verificar se houve alguma modificação no modo como esse povo se vê e vê o seu colonizador. Para tanto se buscou responder a três perguntas de pesquisa que foram propulsoras deste trabalho. São elas:

- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo?
- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo?
- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem

- branco?

Essas perguntas foram respondidas tendo por base um corpus de entrevistas dadas pelo cacique Guarani, em português, com 150 minutos de gravação e um total de 21 453 palavras. Para essa análise utilizou-se ferramentas computacionais disponibilizadas online no site <http://www2.lael.pucsp.br/copora/index.htm> desenvolvido por Berber-Sardinha 2005.

Para respondê-las encontrou-se suporte teórico-analítico na Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1973,1976,1989 e1994) e seus seguidores Halliday e Hassan (1994) e Thompson (1996,1998)) uma vez que seu objetivo é verificar a língua em uso. Nesta teoria parte-se do princípio de que a linguagem é sistema probabilístico e por isso as escolhas lingüísticas de um falante não são aleatórias, antes elas são motivadas por um propósito comunicativo. Assim procura-se identificar, aqui, as escolhas lingüísticas feitas pelo cacique e o que essas escolhas podem representar.

De modo que esse objetivo pudesse ser alcançado deu-se ênfase a duas metafunções: a ideacional e a interpessoal. A primeira acolhe as escolhas de natureza ideacional do falante e essas escolhas por sua vez abrigam os processos, as palavras de conteúdo e o léxico de referencia que visa a investigar a visão de mundo construída pelo cacique.

A segunda, a metafunção interpessoal, foi escolhida, não para analisar a interação entrevistador/informante, mas porque ele propicia condições de avaliar sob o ponto de vista das relações e dos julgamentos que o cacique faz de si, do seu povo e do homem branco. O sistema gramatical que representa essa metafunção é o de modo e modalidade.

Vale ainda mencionar que a Lingüística Aplicada, por ser uma ciência multidisciplinar pode adotar qualquer outra área de conhecimento que seja útil para a identificação e resolução desses fenômenos como ocorreu neste trabalho. Lançou-se mão da Antropologia Indígena, representada por Junqueira (2002) para auxiliar a compreensão da visão de mundo de um Cacique de uma aldeia Guarani localizada em Aracruz, ES.

Esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma:

O Capítulo 1, Fundamentação Teórica, apresenta a Gramática Sistêmico-Funcional, dando ênfase a metafunção ideacional (Halliday 1994) e Thompson (1996) e a metafunção interpessoal com o sistema de modo e modalidade. (Eggins 1994)

No Capítulo 2, Metodologia, são apresentados o contexto de situação, o contexto da pesquisa bem como Procedimento de armazenamento, seleção, classificação e análise dos dados.

O capítulo 3 , Análise e discussão dos resultados traz a análise dos dados e as descobertas por eles indicadas.

Por fim, nas considerações finais, faz-se um retomada dos resultados da pesquisa bem como apresenta as limitações e sugestões para trabalhos futuros.

1 CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor em que universo teórico este trabalho está inserido e será dividida em: 1 Gramática sistêmico funcional, subdividida em contexto de situação-registro, metafunção, poder e solidariedade; 2 antropologia indígena.

1.1 A gramática Sistêmico-Funcional

A Gramática Sistêmico-Funcional, doravante GSF, foi desenvolvida por Halliday (1978,1994). Esta teoria vê a língua como produto sócio cultural que tem por foco a língua em uso. Para a GSF ela é uma pratica social motivada por uma dada finalidade, um propósito, cuja função é o seu próprio uso: o porquê de usar a linguagem e como usá-la. (Halliday & Hassan, 1989; Eggins, 1984)

Essa prática social, segundo Eggins (1994:10)¹ vem carregada de posições ideológicas, valores, conceitos, e perspectivas do seu produtor. Segundo a autora, não existe linguagem neutra e esse fato independe do gênero a que pertença o texto produzido pelo falante ou o que interlocutor produza. Nessa abordagem a linguagem é vista como um sistema que oferece aos falantes uma série de possibilidades para expressarem significados.

¹ Apesar deste conceito ser importante para as teorias lingüísticas e de natureza sócio-cultural ele não será tratado nesse estudo.

A GSF foi escolhida como base para este trabalho por se tratar de uma teoria que vê a linguagem como um “recurso usado pelos seres humanos para criar significados e estudar as maneiras como as pessoas utilizam a linguagem para atingir determinados objetivos em situações específicas dentro de uma sociedade” (Halliday, 1989:4)².

A linguagem, concebida como construto sócio-cultural, pode ser descrita a partir de uma abordagem semântico-funcional e pode ser descrita como “uma abordagem semântico-funcional, que tem como preocupação primária o *como* a língua é estruturada para o uso em diferentes contextos” (Eggins, 1994:23-24). Neste sentido o contexto, que será abordado mais à frente, será um ponto fundamental para as realizações lingüísticas do falante.

Uma das premissas básicas desta teoria é o uso que o falante faz da língua. Uso este que é motivado “nas” e “pelas” relações sociais (Eggins, 1994:4) e suas escolhas lingüísticas não são mero acaso, mas podem ser vistas como representação de seus pensamentos e até mesmo de suas realizações no mundo, a língua é vista como um sistema probabilístico (Halliday 1991:27).

Assim nesta abordagem, a língua é um sistema que oferece ao falante uma gama de possibilidades de realizações para expressar os seus significados. Esse fato dá a análise um valor contrastivo, pois o pesquisador sempre vai querer investigar o porquê de uma determinada escolha em detrimento de outra e, segundo Thompson (1998: 6), essa escolha pode ser consciente ou não embora não seja aleatória.

A GSF descrita como uma abordagem semântico-funcional, tem por preocupação explorar a maneira como a língua está estruturada para seu uso em diferentes contextos. (Eggins, 1994:23). A pressuposição básica dessa teoria é a de que o uso da língua é motivado pelas relações sociais que estão em jogo (Eggins, 1994:

² Todas as citações foram traduzidas por mim.

4) e que nossas escolhas léxico-gramaticais não acontecem aleatoriamente, antes, são condicionadas pelo contexto. Assim, para Thompson (1996:30), “uma forma pode determinar ou ser determinada por outra, dependendo do elemento ao seu redor”.

A GSF baseia-se na teoria do lingüista Firth, inspirada em Malinowski e Whorf. Malinowski (1923) foi um antropólogo que percebeu que uma língua só tem significado quando dois contextos são claros para os interlocutores. Esses dois contextos são o de cultura e o de situação. Baseando-se nos conceitos de Malinowski, Halliday (Halliday e Hasan, 1989) pressupôs que há, ainda, uma interdependência entre esses dois conceitos, *contexto* e *linguagem*, nessa pesquisa não se falará de contexto de cultura, pois não se pretende analisar o gênero e sim o contexto de situação e os itens lingüísticos de natureza opinativa que caracterizam a fala de um Cacique .

Os conceitos sobre linguagem propostos pela GSF deram embasamento teórico ao trabalho aqui apresentado, tendo em vista que o corpus a ser analisado é real e foi coletado em situação de uso da língua. Dessa forma poderá ser feita uma análise observando a linguagem dentro de uma prática social que foi estimulada por uma finalidade, pelo seu uso, assim poderá se observar o porquê de usar a língua e de como usá-la.

É importante para a contextualização desta pesquisa que se faça uma exposição de alguns conceitos e elementos da GSF, que serão vistos nesta dissertação. Primeiramente se abordará a teoria de Registro, em seguida as metafunções. Apesar de se ter falado aqui em Lingüística Sistêmico-Funcional, a pesquisa tomará por base a Gramática Sistêmico-Funcional, pois ela é a operacionalização hallidayana da primeira. Essa operacionalização é feita através dos critérios desenvolvidos por Halliday, que nessa pesquisa terão como foco o registro e as metafunções ideacional e interpessoal.

1 Registro e contexto de situação

Segundo Halliday (1989), tanto o contexto como a linguagem são elementos de um mesmo acontecimento, em que há um texto que é considerado uma instância de linguagem e que desempenha algum papel em uma situação específica. Para a GSF não existe a possibilidade de se analisar um texto sem saber o que acontece ao seu redor, portanto o contexto de situação é fundamental para a análise proposta neste trabalho, pois cada texto tem o seu contexto de situação, que se manifesta nas escolhas léxico-gramaticais do falante.

De acordo com Eggins (1994:9), a teoria de registro descreve o impacto das dimensões do contexto imediato da situação de um evento e como a linguagem é usada. O registro descreve o contexto imediato de situação no qual o texto foi produzido. O registro, segundo Halliday, apresenta três variáveis: campo (“field”), relações (“tenor”) e modo (“mood”). Essas três dimensões são usadas, dentre outras questões, para diferenciar a linguagem escrita da linguagem falada e para determinar ou configurar padrões semânticos, léxico-gramaticais e fonológicos/ortográficos que identificam o registro (Halliday e Hassan, 1989:38-9).

O Campo-*field*, variável de registro na qual se encontra a metafunção Ideacional/Experiencial, será enfatizada nesse trabalho, pois ela abriga as escolhas do falante, que refletem as suas representações de mundo, o que está acontecendo, por meio dessas escolhas lingüísticas que englobará processos, léxico de referência e palavras de conteúdo serão investigadas com o propósito de se levantar como o Cacique constrói a visão de mundo de si mesmo, como ele constrói a visão de seu povo e como ele constrói a visão que tem do homem branco, dessa forma o campo e seus desmembramentos serão alguns dos focos das futuras discussões.

As relações (“tenor”) referem-se aos participantes do evento- os status e papéis mútuos dos participantes, e seus respectivos poderes dentro das trocas

comunicativas. O Modo (“mood”) está mais ligado ao papel da linguagem dentro de um evento comunicativo, à organização simbólica do texto, seu status, sua função no contexto, o modo se escrito ou falado e modo retórico. Vale ainda ressaltar a ligação das variáveis de registro com os padrões léxico-gramaticais (Eggins, 1994:76; Halliday e Hassan, 1989:39) que fica assim disposta:

- O campo está associado aos significados experienciais realizados por meio do sistema de transitividade da GSF.
- As relações estão associadas com a função interpessoal, realizadas por meio dos padrões de modo e modalidade.
- O modo está ligado a metafunção textual realizada por meio do tema.

Para uma melhor visualização do que foi exposto será usado o quadro a seguir como referência.

REGISTRO		
Variáveis Situacionais do Discurso (características do contexto)	Tipos de Significado (componentes funcionais do sistema semântico)	Recursos Gramaticais (realizações paradigmáticas das escolhas no sistema da língua)
Campo (o que está acontecendo)	Ideacionais/Experienciais	Transitividade, Denominação, etc.
Relações (quem está participando)	Interpessoais	Modo, Modalidade, Pessoas, etc.
Modo (o papel dado à linguagem)	Textuais	Tema/Rema, Informação, Relações de Coesão

Quadro 1.1: Componentes do registro
(adaptado e expandido de Halliday (Halliday & Hasan, 1989:26) por Valeria BMP dos Santos)

Cada um dos componentes do quadro 1.1 será detalhado na seção seguinte.

1.1.2 As metafunções

Para Halliday (1994), a linguagem tem várias funções (multifuncional) e cria significados a partir de três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual, as quais correspondem, respectivamente, às variáveis de registro campo, relações e modo. Embora os conceitos dessas metafunções sejam vistos separadamente, “é importante compreender que cada um desses três tipos de significados contribui igualmente para o significado da mensagem como um todo” (Thompson, 1996: 28).

A metafunção ideacional é o conceito da variável que revela elementos do significado ideacional e representacional e que se manifesta gramaticalmente no sistema da transitividade e nos seus respectivos elementos. A transitividade é o sistema gramatical da metafunção ideacional.

A metafunção interpessoal diz respeito à interação e ao grau da relação entre os participantes e a metafunção textual refere-se à organização da mensagem e ao papel dado à linguagem (Halliday, 1994).

1.1.2.1 Metafunção ideacional

Para Halliday (1973:37), a metafunção ideacional está relacionada com "a expressão do conteúdo de acordo com a experiência do falante inserido em uma comunidade de fala". Este é o motivo pelo qual ela se faz tão importante nesta pesquisa, o conhecimento dessa metafunção, possibilita que se verifique como o Cacique se expressa para estabelecer suas visões de mundo sobre si, sobre seu povo e sobre o homem branco a partir de suas experiências como chefe da tribo.

Como usamos a língua para interagir, também a usamos para falar sobre o mundo. É, portanto através da função ideacional, que focamos principalmente o conteúdo das mensagens. (...) a metafunção ideacional relaciona-se ao uso da linguagem para organizar, entender, expressar

percepções do mundo e de nossa própria consciência. Em outras palavras, é esta função que fornece ao falante/escritor os recursos para interpretar e representar a realidade” (Ramos, 1997:75).

Duas são as perspectivas tomadas para a análise da metafunção ideacional que se completam. Uma mais ampla a de representação, e outra gramatical, a da transitividade. Ao se usar um item lexical não se faz ao acaso, uma vez que as escolhas realizadas pelo falante são motivadas e carregam posicionamentos, ideologias e visões de mundo do falante. Assim, a análise lexical possibilita verificar qual é a visão de mundo que esse líder-informante constrói.

...é a partir da análise dos mecanismos que encontramos para representar a realidade que nos cerca, nomear nossas ações, nomear a nós mesmos e ao outro, que poderemos mapear a rede de representações que constituem as identidades. (Bressani , 2000:21)

A metafunção experiencial ou ideacional, que será utilizada nesta pesquisa, está intimamente ligada ao uso da linguagem como representação. Essas representações são externas, são os acontecimentos no mundo que cercam e que o falante começa a experienciar bem cedo na vida. A forma prototípica da experiência externa é a das ações e dos eventos: as coisas acontecem, e as pessoas, ou outros agentes, fazem coisas, ou as fazem acontecer. Mais adiante, se detalhará a composição gramatical dessa metafunção.

Já as representações internas são mais difíceis de serem distinguidas, entretanto, segundo (Halliday 1994:105), elas são de um lado reproduções da representação externa, gravando-a, reagindo a ela, refletindo-se nela; e o mundo interno, crenças, sentimentos, pensamentos é de modo geral uma consciência separada dos estados de ser.

Ao usar a metafunção ideacional sob o ponto de vista da representação, se verá que o enfoque da análise recairá sobre a questão semântica, nas escolhas feitas pelo falante para representar a realidade. Então, dessas escolhas pode-se

verificar quais as opções lingüísticas que o Cacique escolhe para falar de si mesmo e do outro. Parte-se do processo, parâmetro da GSF que será detalhado mais adiante, como explica Thompson (1996), para então se analisar o restante da oração. O processo guia a análise sob o ponto de vista ideacional, e ajuda na caracterização dos demais elementos como, por exemplo, os participantes.

As escolhas lingüísticas do falante não se limitam a um ou outro item lexical, como o uso de *a gente* ou de *nós*, por exemplo. Essas escolhas podem ser quanto ao lugar que um item lingüístico ocupará na oração, o que permitirá verificar traços da imagem que o falante faz de si mesmo e do outro num evento comunicativo.

Segundo Halliday (1994:105) “o sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processos.” Foi por meio também, desses processos, que se analisou os dados dessa dissertação para se verificar a visão de mundo que o cacique constrói

Segundo Halliday (1994:105) a impressão mais forte que se tem é de que a experiência é formada por eventos - acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Isso mostra que a linguagem é usada não somente para pedir bens e serviços, mas também é um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos.

De acordo com (Eggins 1994: 220), a realização dessas representações de mundo de um falante ocorre através do sistema de transitividade, que implica na escolha de processos - elementos verbais - e seus argumentos que são as escolhas lexicais que acompanham esses elementos verbais como será descrito logo abaixo.

O sistema de transitividade engloba três componentes:

- 1 O processo;

- 2 Participantes do processo;
- 3 Circunstâncias associadas ao processo.

A tabela abaixo, proposta por Halliday (1994) ilustra como cada componente pode ser representado por um grupo gramatical.

Tipo de elemento	Geralmente realizado por
O processo	Grupo verbal
Participantes do processo	Grupo nominal
Circunstâncias associadas ao processo	Grupo adverbial ou frase preposicional

Quadro 1.2: Funções típicas de classes grupos e frases
Halliday 1994, Tradução de Sumiko Nishitani Ikeda (no prelo).

Esses componentes fornecem uma referência para a interpretação da experiência do falante em relação ao que acontece. Esses conceitos explicam ainda, de um modo geral, como os fenômenos do mundo real são representados pelas escolhas lingüísticas.

Os principais tipos de processo para Halliday (1994) são os processos materiais, mentais e relacionais. Entretanto existem outras categorias localizadas nos limites entre os três, “não claramente diferenciadas, mas reconhecíveis na gramática como intermediárias entre os limites dos diferentes pares”. (Halliday, 1994:96).

Entre o processo material e o mental tem-se o comportamental. No limite entre mental e o relacional tem-se o verbal. Entre o relacional e o material tem-se o existencial. O círculo a seguir auxiliará no entendimento dessas confluências facilitando a visualização dos seus limites e interposições, indicando características de cada processo, aproveitando para inclusive citar nomes de processos que identifiquem cada grupo.

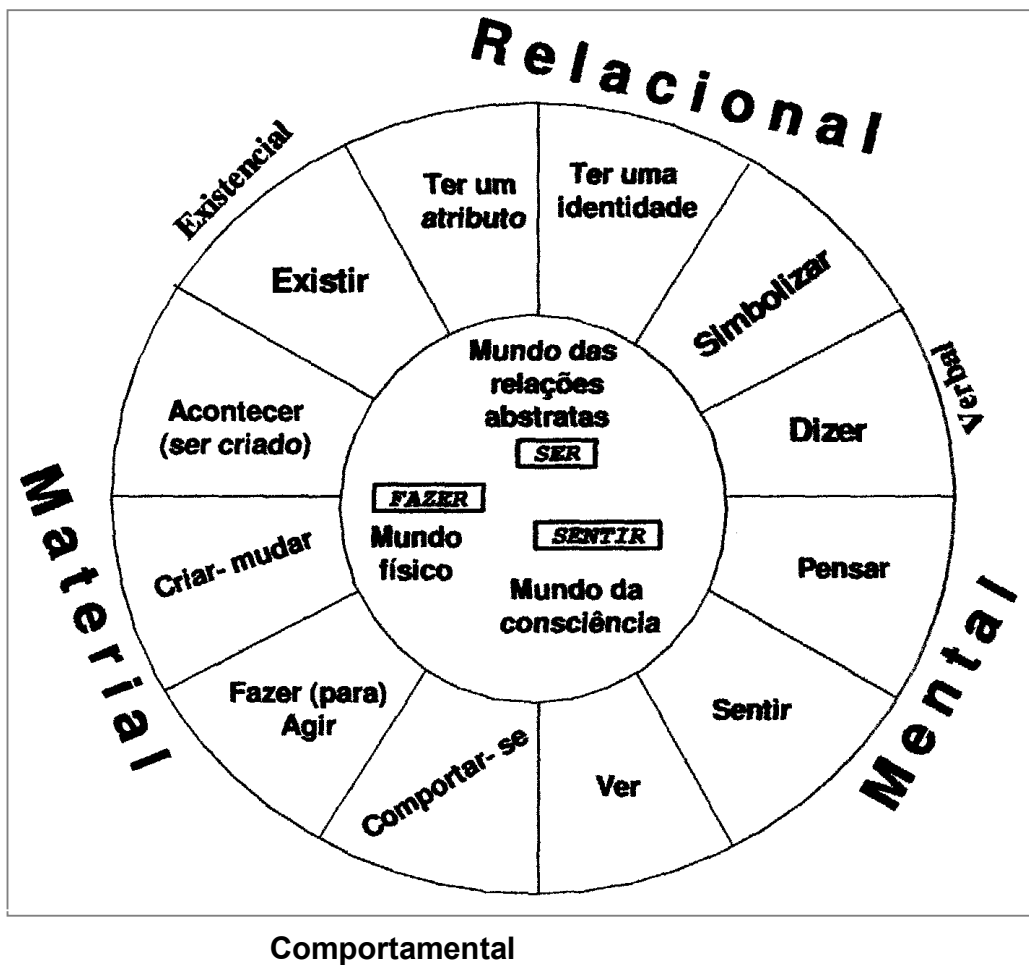


Figura 1.1: Os tipos de processos (traduzido de Halliday, 1994:108)

Os processos materiais representam as ligações com o mundo externo, as ações realizadas no mundo físico, é o processo do “fazer”. Os processos mentais expressam as experiências internas, os processos da consciência, o que é realizado no mundo dos pensamentos, é o processo do sentir. Os de classificação e identificação são os chamados relacionais, é o processo do “ser”. Os processos verbais estabelecem relações simbólicas construídas na consciência humana que se expressam na forma de linguagem como “dizer” e “significar”. Aqueles que representam manifestações exteriores de atividades internas, a externalização de estados da consciência e dos estados fisiológicos são os chamados comportamentais. E, por fim, fechando o círculo tem-se os existenciais que são os processos que se referem à existência, pelos quais os fenômenos de todos os

tipos são reconhecidos como ser “haver”, “existir”, ou “ter” (Halliday, 1994).

Um dos trabalhos que se destacam dentre aqueles que procuram explicar as motivações de natureza semântica do sistema de transitividade, é o de Thompson (1998) que estuda a motivação para a repetição de determinadas estruturas de transitividade de um texto.

Para Thompson (1998) o produtor de um texto tem diversos fraseados a sua disposição, mas usa apenas aqueles que mantêm um padrão preferido. Um fraseado se torna uma escolha mais provável que outra em um determinado contexto porque ele ressoa melhor com as demais escolhas, dessa forma, construindo juntas um significado trazido pelo texto.

Já para Mathiessen (1999) a transitividade é composta por sub-sistemas; ao realizar a escolha por um tipo de processo, por exemplo, o falante está selecionando um conjunto de elementos, formando um sistema menor. Cada escolha realizada pode determinar a probabilidade de ocorrências de outros elementos, como circunstância, formando uma rede de escolhas. Assim ao determinarmos quais significados serão trazidos por um texto, está-se determinando quais as probabilidades de combinações a serem realizadas (Lima Lopes 2001:11). No discurso a ser analisado, por exemplo, quando o informante usa a palavra “educação” é forte a probabilidade de ela vir acompanhada da palavra “diferenciada”, devido a natureza do tema abordado pelo informante naquela situação específica. Vejamos as concordâncias abaixo com o nódulo “educação”, selecionadas do corpus em estudo:

Concordância com “educação”

1	aldeia né , nem na área da
educação o artigo é 210 né , que	
2	é 210 né , que fala sobre
educação né tudo isso as veze a lei	
3	ter o seu costume na área de
educação né , como se organizar como ter	

4 , como se organizar como ter uma
educação né própria da suas aldeia né que
5 nois tamo lutando também pra conseguir a
educação diferenciada né , então já quando agente
6 muito complicado é difícil de conseguir uma
educação diferenciada . até hoje nois tamos lutando
7 então é sempre dá a diretriz da
educação diferenciada né e tudo isso agente tem
8 pessoa que faz parte do subnúcleo da
educação né ela é uma coordenadora e tem
9 uma reunião então agente tem subnúcleos da
educação aí na área da educação são discutidu
10 subnúcleos da educação aí na área da
educação são discutidu tudo nessa reunião . (
11 nível superior também então esse é a
educação de língua , continua mesmo de 1a

A ocorrência com o nódulo “educação” associada ao léxico “diferenciada” foi de 27, 27% de um total de 11 registros o que demonstra um percentual considerável dentro das escolhas lingüísticas do informante.

A oração é um modo de impor ordem na variação infinita de acontecimentos, e isso pode ser alcançado pelo sistema gramatical da transitividade. É esse sistema que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processos associados aos seus complementos. Como dito acima, esse sistema consiste em três componentes: processo, participantes e circunstância.

Os processos serão expostos na seguinte ordem:

- a processo material;
- b processo mental;
- c processo relacional;
- d processo comportamental;
- e processo verbal e
- f processo existenciall

a. processo material

Como já mencionado anteriormente, os processos materiais são os processos do

'fazer'. Eles expressam a noção de que alguma entidade 'faz' algo que pode ser feito por outra entidade.

(1)

O governo brasileiro não	Faz	Um projeto de árvores frutíferas.
Participante: ator	Pr. Material	Participante: Meta

Nos processos materiais dois participantes são essenciais: o Ator, que é obrigatório e a Meta que é opcional, segundo Halliday 1994. O ator é aquele que realiza a ação propriamente dita. Todo processo tem um Ator, mesmo que ele não seja mencionado na sua proposição. (Thompson, 1996:78). A Meta, tradicionalmente falando, seria definida como o objeto direto segundo Eggins (1994:231). E para ela a Meta, para o qual o processo é dirigido, é aquela que efetivamente é modificado pela ação.

b. processo mental

Segundo Halliday (1994:112) esses são os processos de 'sentir, pensar e perceber' e segundo Thompson (1996:82) são relativos a nossa representação do mundo interior. Halliday divide esses processos em três subtipos: processos mentais de cognição relacionados à decisão e compreensão – "saber", "entender", "decidir"; processos mentais de percepção relacionados à observação de fenômenos – "sentir"; e processos mentais de feição relacionados a sentimentos – "gostar", "amar". Os participantes desse processo são o Experienciador, aquele em cuja mente o processo está se realizando, e o Fenômeno, que é o elemento percebido/sentido pelo experienciador.

No corpus de estudo têm-se os seguintes exemplos:

(2)

Participante experienciador	Processo	fenômeno
O animalzinho	sente	dor

(3)

Participante experienciador	Processo	fenômeno
Todo mundo já	sabe	(o dia da reunião)

Na oração com processo mental, há sempre um participante que é humano: aquele que sente, pensa ou percebe. O participante que está engajado em um processo mental é aquele que é referido pronominalmente por *ele*, *ela* e *isto*.

(4)

Participante experienciador	Processo	fenômeno
Agente	vê (percebe)	que existe uma lei que garante

Um outro fator interessante está relacionado àquele que sente, pensa ou percebe que é o um outro elemento considerado principal na oração de processo mental. Diferente do processo material o conjunto de coisas que podem se revestir do papel de “sentir”, “pensar” e “agir” é mais amplo que o conjunto de participantes do processo material. Pode ser não somente uma ‘coisa’ como também um fato.

Ainda segundo Halliday

No processo material todo participante é uma 'coisa': isto é, é um fenômeno da nossa experiência, incluindo experiências internas ou a imaginação – alguma entidade (pessoa, criatura, objeto, instituição ou abstração), ou algum processo (ação, evento, qualidade, estado ou relação). Qualquer uma dessas 'coisas' pode também naturalmente ser objeto da consciência num processo mental. (Halliday, 1994:112)

c. processo relacional

Os processos relacionais são os de 'ser' e os de 'estar'. Esse terceiro processo, como sugere o termo que o denomina, se refere ao ser não no sentido de existir, mas, como argumenta Halliday (1994: 119) estabelece uma relação duas entidades separadas. Assim, no exemplo, abaixo percebe-se que o processo relacional – “são”- estabelece relação entre os índios e aqueles que podem resolver os seus problemas – senadores e deputados.

(5)

[...] “podemo sentar com deputado, senadores algumas pessoas que **são** responsáveis pelo nosso projeto [...]”.

d. processo comportamental

Esses são processos que envolvem o fisiológico e o psicológico do ser humano ao mesmo tempo. Esse processo se difere dos demais por não possuir características próprias definidas como os outros, na verdade ele partilha características do material e do mental. Segundo Halliday (1994:139) o participante é geralmente um ser consciente, mas o processo é gramaticalmente mais como 'fazer'. Os limites dos processos comportamentais são indeterminados, mas existem casos típicos que os colocam mais próximos dos processos mentais como “pensar“, “olhar“, “sonhar“ etc. outros os colocam mais próximos dos processos materiais como “cantar“, ”dançar“, ”respirar“ etc.

(6)

[...] quer dizer todos povos indígena quando agente **vim** ou ir pra outras aldeia[...]

e. processo verbal

Esses são os processos do “dizer” que estão entre os processos mentais e relacionais. Os processos verbais não são um tipo distinto de processo, apresentando um padrão próprio como no caso dos processos mentais. Antes, eles são um amontoado de pequenos subtipos que misturam o material e o mental. O “dizer”, aqui, tem um significado mais amplo, ele cobre qualquer tipo de troca de significado simbólico. Halliday (1994:141) dá exemplos como “a notícia diz..., meu relógio diz que são dez e meia...”. Aqui a função gramatical de a notícia e meu relógio é de “dizer”.

Como se observa, nos processos verbais o participante não precisa ser humano. O que não acontece, por exemplo, nos processos mentais. Seria inaceitável dizer, por exemplo, Meu relógio pensa que são dez e meia... Mas meu relógio diz que são... não causa estranhamento. Por isso Halliday diz que os processos verbais poderiam ser chamados de processos ‘simbólicos’.

Halliday (1994) lista quatro participantes do processo verbal. São eles: o Dizente, que realiza a ação, o Receptor, para quem a mensagem é dirigida, o Alvo, a entidade que é atingida pelo processo, e a Verbiage que é a mensagem propriamente dita. Vejamos alguns exemplos tirados do corpus de estudo.

(7)

O homem-branco	repete	os mesmos erros
Participante:dizente	Pr: verbal	Participante: verbiage

(8)

O secretário de turismo	criticou	os índios
Participante: dizente	Pr: verbal	Participante: alvo

f. processo existencial

Este está entre os processos relacionais e materiais. É realizado pelos verbos “haver”, “existir” e “ter” e outros processos como “emergir”, “surgir” e “ocorrer” também, podem ser existenciais dependendo do contexto. Nesse processo tem-se apenas um participante: o existente. O exemplo abaixo do corpus em estudo mostra, mais claramente, isso.

(9)

Tinha	um tal senhor X
Pr: existencial	Participante: existente.

Pode-se resumir os tipos de processos existentes mostrando como cada um deles está ligado a um significado e a um ou mais participantes. Uma vez que os significados são diferentes as funções que seus participantes exercem também o são, conforme se observa no quadro abaixo:

Tipo de processo	Significado da categoria	Participantes
material: ação evento	'fazer' 'acontecer	Ator, Meta
comportamental	'comportar-se'	Behaver

mental: percepção	'sentir' ver' 'sentir'	Senser, Fenômeno
afeio cognição	'pensar'	
Verbal	'dizer'	Sayer, Target
relacional: atribuição	'ser' 'atribuir' 'identificar'	Portador, Atributo
identificação		Identificado, Identificador; Token, Valor
existencial	'existir'	Existente

Quadro 1.3 Tipos de processo, significado e participantes-chave
(Traduzido de Halliday (1994:143) por Sumiko Nishitani Ikeda.)

1.1.2.2 Metafunção interpessoal

Para Halliday (1994:68). "... the clause is also organized as an interactive event involving speaker, or writer, and audience." A oração, para ele é organizada como um evento interativo, que envolve o falante, o escritor e uma audiência. O sujeito ao falar adota um determinado papel de fala e, assim, dá ao ouvinte um papel complementar.

Para Halliday os tipos fundamentais de papéis do falar são "dar" e "pedir". De acordo com a natureza do que se está dando ou pedindo, podem-se definir quatro funções de fala primária: ofertas, comandos, declaração e perguntas. O quadro a seguir, traduzido de Halliday (1994: 69) mostra isso:

	Função de fala inicial	Função de fala de resposta	
		Apoio	Confronto
dar bens e serviços	oferta	aceitação	rejeição
pedir bens e serviços	comando	conformidade	recusa
dar informações	declaração	concordância	contradição
pedir informações	pergunta	resposta	rejeição

Quadro 1.4 Funções de fala e as suas respostas (Retirado de Bressani, 2000)

O sistema de modo e de modalidade é a realização gramatical da Metafunção Interpessoal. O modo é o sistema que estabelece relações de papéis entre o escritor/leitor, enquanto o sistema de modalidade carrega a avaliação do escritor sobre a verdade de sua mensagem e seu grau de responsabilidade sobre ela. Para Eggins (1994: 153) essas realizações típicas e não típicas das funções de fala podem ser resumidas no quadro abaixo:

Função de fala	Modo oracional típico	Modo oracional não típico
comando	imperativo	declarativa interrogativa modulada
oferta	interrogativa modulada	declarativa imperativa
declaração	declarativa	declarativa com pedido de confirmação
pergunta	interrogativa	declarativa modulada

Quadro 1.5. Funções de fala e as suas realizações

(Retirado de Bressani, 2000)

Para Halliday (1994:363), os atos de fala não típicos são considerados metáforas gramaticais. Nessas metáforas há um desacordo entre o ato de fala e o modo de oração, entre função gramatical e o discurso. O quadro 1.5 acima parece

evidenciar isso por mostrar o uso de interrogativas moduladas para realizar comandos. A interpessoalidade é um dos pontos de discussão na análise dos dados dessa pesquisa. No próximo tópico se abordará com mais profundidade, a questão do modo e da modalidade.

1.1.2.2.1 Modalidade

Como dito anteriormente, modalidade é uma das realizações gramaticais da metafunção interpessoal, o outro é o modo. É possível identificar-se as intenções e opiniões, o envolvimento e a avaliação do que alguém fala do outro, dos sujeitos envolvidos na interação analisando a maneira como exprimem atitudes/opiniões/julgamentos. Pode-se, ainda, verificar as probabilidades, as freqüências e os julgamentos feitos em suas colocações. Para se fazer essa análise pode-se recorrer ao sistema de modalidade proposto por Halliday que abarca dois subsistemas: modulação e modalização. Ambos são determinados por subsistemas gramaticais.

A modalização pode ser apresentada pelo quadro seguinte:

Modalização

alta	média	baixa
Sempre	provavelmente	nunca
eu tenho certeza	eu acho	imagino
Dever		

Quadro 1.6 - graus de modalização
(retirado de Bressani 2000)

A modulação, assim como a modalização, também se realiza gramaticalmente nas orações e pode ser classificada em escalas com graus de obrigação e de inclinação alta, média e baixa. Os significados da modulação podem ser expressos por meio de adjetivos e de operadores verbais modulados.

Uma modulação de obrigação alta seria realizada por uma ordem “*tem que preservar a natureza*”, a obrigação média teria o peso de um aviso “*agente deve adorar*”, e a modulação de obrigação baixa se realiza como uma permissão “*você pode sair*”.

Já a modulação de inclinação alta teria o tom de convicção “*Estou certa de que vou*”; a inclinação média seria uma atitude “*agente quer estudar*”; enquanto a inclinação baixa se realizaria como um compromisso “*Eu tenho a obrigação de estudar*”. Há ainda a modulação por capacidade como em “*Ele pode digitar (é capaz de)*” (Eggins, 1997:103). No quadro abaixo, esquematizam-se essas distinções.

Modulação

	obrigação	inclinação	capacidade
Alta	Ordem <i>ter que</i>	convicção <i>estar certo de que</i>	<i>capacidade</i>
Média	aviso <i>dever</i>	atitude <i>querer</i>	poder
Baixa	Permissão <i>poder</i>		

Quadro 1.7 – graus de modulação
(retirado de Bressani 2000)

1 Poder e solidariedade

De acordo com as marcas lingüísticas que o falante/ouvinte deixa no texto, podem-se estabelecer escalas, de acordo com Thompson e Thetela (1985) que sejam indicativas do grau de responsabilidade e de engajamento dos participantes naquilo que é dito ou escrito. Conforme a relação de poder do falante com seu destinatário, o falante pode ou não expressar escolhas dentro da escala da modalidade, fazer ou não uso de avaliativos e assim fazer escolhas para expor suas opiniões e atitudes da maneira que melhor convier ao contexto ou situação seja ela mais ou menos explícita.

Para Eggins, o sistema de modo e modalidade é um caminho para se entender as relações de poder entre os interactantes. No discurso do Cacique Guarani as escolhas representam essa relação de poder. Como será mostrado no capítulo 3, na análise dos dados, no qual se selecionou do corpus da pesquisa os seguintes exemplos do sistema de modalidade como o uso de modulação baixa “pode”, “podemo”, “não podemo”

Como dito anteriormente, segundo a autora, por meio do sistema de modo e modalidade pode-se entender a construção das relações sociais, através da interação. Elas dependem do reconhecimento e da atribuição dos papéis sociais entre os interactantes, e mostram ainda que o falante reconhece instintivamente o tipo de papel social que ele representa, o papel social instaurado por uma situação e o efeito que esse papel produz no modo de usar a linguagem.

Entretanto podemos levantar papéis também a partir da metafunção ideacional. Geralmente, atribui-se a ela os papéis fixos, institucionalizados. Já, na interpessoal os papéis são mais temporários. Por exemplo: na entrevista, eu era a entrevistadora – temporariamente - e o Cacique o entrevistado por alguns momentos. Essa temporalidade cria uma relação de poder/hierarquia que não existe de maneira integral. Por exemplo, na posição do Cacique e tudo aquilo que envolve ser um chefe indígena, essa relação é fixa. Ao se analisar alguns itens lexicais e para se dizer como o Cacique se vê, como ele vê seu povo e como ele

vê o homem branco olha-se sob o ponto de vista de papéis fixos, ainda que possam ser instintos no futuro. São opiniões e posições do Cacique expressas quase que de maneira institucional.

No sistema interpessoal as marcas da modalidade podem ser organizadas, por exemplo, em um nível de visibilidade do falante/escritor, através de um eixo que vai de marcas menos explícitas como na fala do Cacique em que ele diz “agente até *podemo* senta com os deputado” para marcas mais explícitas do falante nas unidades de informação, como “*tem que* fazer concurso”.

Para Eggins (1997) essa relação dos papéis estabelecidos entre os interactantes podem ser entendida num conjunto de quatro dimensões simultâneas que ela retira de Cate Poynton e de Martin e que servem como modelos de análise: (i) status; (ii) contato; (iii) envolvimento afetivo; e (iv) filiação

(i) status: pode ser simétrico ou assimétrico. ? visto numa escala baseada a partir dos extremos igual e desigual. Assim, a relação patrão/empregado pode ser entendida como uma relação de status desigual ou assimétrico, enquanto a relação entre amigos supõe uma relação simétrica, ou seja, seria considerada uma relação com status igual.

Segundo Eggins, para legitimarmos a relação entre os interactantes nos valem os recursos que vão desde a força, da autoridade, entre pares hierarquicamente diferentes, da especialização, ou até mesmo o uso de símbolos de status representados por uma imensidão não só de objetos de desejo, mas também objetos como o nível de educação, viagens e local de residência.

(ii) o contato: o contato entre os interactantes vai variar de acordo com o nível de familiaridade entre eles que pode ser freqüente ou ocasional. Esses dois estados podem estar dispostos em uma escala contínua que estabelece o tipo de contato

entre os participantes em uma dada situação. Assim, mãe e filho estariam no extremo freqüente enquanto vendedor e comprador estariam no ocasional.

(iii) **envolvimento afetivo**: o envolvimento afetivo entre os interactantes está relacionado ao nível de contato que se tem entre eles e pode ser dividido em extremos alto e baixo. Pode-se então dizer que a relação entre mãe e filho, amigo e amigo, e a relação entre um casal de namorados em início de namoro pode trazer um envolvimento afetivo alto. Já a relação entre um comprador e um vendedor, entre vizinhos e entre patrão e empregado está em um nível de envolvimento afetivo baixo.

(iv) **filiação**: tem a ver com o grau de identificação que temos com os valores e crenças dos interactantes em contextos sociais diferentes como família, colegas de trabalho, de escola, vizinhos etc. Assim como o envolvimento afetivo, a filiação também pode ser medida nos níveis alto e baixo. Podemos estar altamente filiados a um determinado grupo ou tentando desesperadamente se filiar a um. O que acontece, segundo Eggins, é que em cada uma dessas variações numa situação específica a língua sofrerá um impacto diferente.

O exemplo utilizado pela autora é o uso da linguagem formal e informal. Dessa forma uma situação informal tem uma possibilidade maior de ocorrer entre interactantes com status igual, contato freqüente, envolvimento afetivo e filiação alta, enquanto situações formais têm maiores possibilidades de acontecer entre interactantes com um menor contato, status desigual, filiação e envolvimento afetivo baixo.

Essas diferenças terão como consequência escolhas léxico-gramaticais e pragmáticas específicas: em situações informais de conversação pode haver interrupção nos turnos e sobreposição de fala. Já nas situações formais as tomadas de turno são mais esmeradas, evita-se a interrupção dos turnos e as sobreposições das falas. As opiniões são geralmente guardadas para o próprio

falante ou expressas de forma modalizada para demonstrar respeito e sugestão. Os itens lexicais aparecem em sua forma completa sem abreviações, diminutivos ou abreviaturas. Aparecem ainda expressões de polidez como, por favor, e obrigada, pronomes de tratamento e títulos que antecedem os nomes.

Por meio dessas dimensões podemos especificar as relações sociais entre os interlocutores o que traz um maior esclarecimento para o cenário comunicativo em que o evento acontece. Em geral os trabalhos desenvolvidos na Linguística Aplicada têm essa característica. Pode-se citar Bressani (2000) que desenvolveu um trabalho cujo corpus é formado por um evento com interação face-a-face, do qual tomam parte várias pessoas com graus diferentes de status, contato, envolvimento afetivo e filiação entre si e de cada um em relação à empresa. Dentro das reuniões a autora observou quem desempenhava que papel, e que elementos sociais, de status o mantinham nessa posição.

Essa caracterização, a priori, das relações sociais é fundamental para a compreensão das escolhas léxico-gramaticais feitas pelos participantes, uma vez que traz subsídios para entender às razões e intenções do comportamento do falante, que afloram dos dados.

Para finalizar esta seção faz-se importante justificar o porquê da escolha das metafunções ideacional e interpessoal neste trabalho. Isso aconteceu porque a primeira forneceu subsídios operacionais para levantar os assuntos das falas do Cacique e suas opiniões sob o ponto de vista da experiência e da construção do mundo. A segunda, a interpessoal, forneceu condições de avaliar as falas dele sob o ponto de vista das relações e dos julgamentos que faz de si, dos seus semelhantes e do homem branco.

1.1.2.3 Metafunção textual

A metafunção textual que mostra como o texto é organizado tanto na escrita quanto na fala. Matthiessen (1995:20) mostra que esta metafunção tem um papel distinto no que concerne à criação do significado: o de interpretar os significados ideacionais e interpessoais como as informações compartilhadas pelo falante e pelo ouvinte.

A estrutura temática é o principal meio pelo qual esta metafunção é realizada. Ainda segundo Halliday (1994:36), o Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem e o que é tratado por ela. O restante da frase, o que explica o Tema é denominada Rema. Para Matthiessen (1995:22), as escolhas textuais, como o Tema, não introduzem um conteúdo novo ou dimensões interpessoais novas ao texto, antes, são essenciais para que o texto faça sentido, interpretando significados ideacionais e interpessoais. Esta Metafunção introduz recursos que guiam a troca do significado no texto. Vale observar que essa metafunção não será abordada na análise e discussão dos resultados.

1.2 A Antropologia e a sua Ligação com a Lingüística Aplicada

A Lingüística Aplicada é uma ciência interdisciplinar, e como tal, ela dialoga como outras ciências o tempo todo; seu fazer é um fazer centrado na linguagem, porém quando necessário, sustentado por outras ciências como a antropologia, a sociologia, a psicologia entre outras. A antropologia, especificamente a antropologia indígena, é importante para esta dissertação, uma vez que esse trabalho versa sobre um povo indígena.

Uma das tarefas da antropologia é compreender o outro. O trabalho desenvolvido pelas ciências sociais, em especial pela antropologia, “é um esforço sistemático para decifrar modos e estilos de vida diferentes adotados por outros povos...” (Junqueira, 2002:9). Assim foi o caminho escolhido por esta ciência para se chegar ao conhecimento. A antropologia se encarrega de estudar as sociedades e

suas culturas, os símbolos criados por essas sociedades, as diversidades e as semelhanças culturais entre outros objetivos.

A antropologia indígena faz-se necessária aqui, nesta fundamentação teórica, porque conforme Junqueira (2002: 7) ela parte de uma concepção de cultura como linguagem, quer dizer, como um conjunto de símbolos ou signos arbitrários que perpassam a transitoriedade da história .

Segundo Junqueira (2002:9), “o conhecimento antropológico é um conhecimento do outro, daquele que por ser bem diferente de mim pode me ensinar muito”. Uma vez que o objetivo deste trabalho é conhecer um pouco mais de uma cultura dita primitiva – a cultura indígena – a antropologia indígena será fundamental para que se possa expor determinadas situações tendo sempre um respaldo científico.

A diversidade cultural é algo que atrai a atenção de vários estudiosos. Quais as causas e como apareceram as diferentes culturas é algo que ainda não tem uma explicação pronta e acabada e nem esse é o objetivo deste trabalho. Entretanto podemos justificar essas diferenças, não em função de percursos históricos particulares, “mas como qualidade inerente ao povo que fala” (Junqueira 2000: 17). Para a antropologia indígena tanto em sociedades isoladas como em sociedades próximas umas das outras a originalidade está presente, é uma constante.

Essa originalidade pode ser entendida como cultura e é transmitida socialmente(Jecupé, 1998:26). A data de nascimento, as regras específicas que se segue, formas de se expressar e a língua que se fala são formas oriundas da cultura que é vivenciada. Dessa forma a identidade começa a ser formada a partir do momento em que o bebê, dentro da barriga de sua mãe, tem seu sexo identificado. Assim essa criança receberá tratamento ou de menino ou de menina. E, dessa forma, o ser humano é moldado pela sociedade em que vive e assimila sua cultura desde o nascimento.

Por isso, Junqueira (2002:7) mostra que o maior sinal de amadurecimento de um indivíduo é a substituição de atitudes egocêntricas por atitudes de empatia, o que será abordado no capítulo 3 quando da discussão dos resultados, principalmente ao se tratar da visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo.

Em várias situações sociais se observa esse amadurecimento, como quando o sujeito opta por deixar de lado seu desejo pueril de comandar tudo e todos a seu próprio gosto e passa a prestar mais atenção no outro, ao comportamento do outro e tenta entender esse comportamento. Nesse momento esse sujeito passa a ser considerado adulto. Nesse sentido:

É possível identificar o amadurecimento de uma sociedade pela qualidade que ela desenvolve de entender as demais. Em lugar de fazer com que seus próprios hábitos e valores atuem como empecilho ao conhecimento, ela se lança na fascinante aventura de tentar compreender o diferente, o outro. (Junqueira, 2002:9)

No corpus em estudo pode-se verificar que o Cacique apresenta certo entendimento da sua sociedade e da sociedade não indígena, dita branca, tanto que essa pesquisa busca investigar a visão que o Cacique tem além de si mesmo, da sua aldeia e do homem branco.

Assim como os pais deixam legados para seus filhos uma sociedade deixa legados para seus membros. Isso quer dizer que com o tempo a cultura a que o indivíduo pertence se torna tão familiar a ele que ela passa a ser ele mesmo, ela passa a ser algo indissociável dele mesmo, diante de seus olhos tudo que acontece ali, no seu meio, é algo muito natural. Em contrapartida o que se passa em outras sociedades lhe soa muito exótico.

Dessa forma pode-se perceber que os índios Guaranis do Espírito Santo estão em uma situação desfavorável. Apesar de morarem em suas aldeias algumas

crianças estudam - o que é coisa de branco - fora delas, algumas vezes a professora que leciona na aldeia não é índia, os adultos precisam negociar fora da aldeia e todas essas situações, todo esse convívio social prolongado com o não-índio faz com que os índios acabem abrindo mão de alguns costumes e se adaptando aos costumes dos povos vizinhos.

Podemos constatar que embora as sociedades indígenas, como as do município em estudo tenham peculiaridades culturais, elas apresentam semelhanças com o estilo de vida da sociedade brasileira. Isso se dá em função de uma série de fatores, mas o principal deles é a colonização, em algumas nações essas semelhanças são maiores ou menores, devido ao grau de contato entre os povos, no primeiro caso pode se citar a sociedade Tupiniquim e no segundo a Guarani.

A forma abrupta como os índios foram colonizados e a convivência com o colonizador, no Brasil, já por mais de 500 anos, fez com que esses povos se adaptassem e incorporassem traços dessa cultura dominante. É possível traçarmos um quadro das semelhanças que mostram a proximidade dos povos indígenas das sociedades industriais modernas. Em linhas gerais Junqueira (2000: 47) diz que as características mais evidentes são:

- O estilo de vida comunitário;
- Relativa abundância embora com utilização de tecnologia simples;
- Distribuição mais equilibrada de tempo despendido entre trabalho e lazer;
- Maior liberdade na escolha do uso do tempo;
- Relação mais harmoniosa com a natureza de um modo geral;
- Transmissão oral da tradição e
- Maior igualdade social.

Como será demonstrado na análise de dados dessa dissertação, a pesquisa feita para a elaboração deste trabalho evidencia que os índios da sociedade do

informante guardam até hoje características básicas de um povo que mostra interesse no outro, que se preocupa com o outro e que tenta entender o outro.

A seguir tratar-se-á da metodologia utilizada nesta pesquisa.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentada a metodologia empregada na pesquisa, incluindo a descrição do corpus, bem como a especificação dos procedimentos de coleta e de análise dos dados. Primeiramente são reiterados os objetivos da pesquisa e elencadas as questões que a nortearam. A seguir é apresentada a descrição dos participantes, a descrição das entrevistas e por fim é detalhado o corpus que compõe o estudo seguido dos procedimentos de coleta e de análise.

2.1 Objetivo e questões de pesquisa

O objetivo deste trabalho é verificar as visões de mundo construídas pelo Cacique sobre si, seu povo e o homem branco a partir das escolhas lingüísticas desse líder. Com base nesta proposta, quer-se, nesta pesquisa, investigar três questões centrais:

1. Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo?
2. Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo?
3. Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem branco?

Para responder a essas perguntas de pesquisa foi adotado um único procedimento de armazenamento, seleção, classificação e análise dos dados. Estes foram coletados a partir de entrevistas feitas com o Cacique de uma aldeia Guarani. Após as entrevistas fez-se a transcrição dos dados e o seu

armazenamento no computador para que fossem classificados e analisados com o auxílio do programa computacional concordanciador e listador de frequência do Cepril/Lael disponível no site <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/index.htm> desenvolvido por Berber-Sardinha (2005).

2.2 Procedimento de coleta dos dados

No contexto teórico de pesquisa linguística no qual esta dissertação se insere, Análise do Discurso apoiada na LSF, é necessário descrever o contexto de situação, o contexto da pesquisa, os seus participantes, que serão vistos aqui, e os procedimentos de armazenamento, seleção, classificação e análise de dados, que serão vistos no próximo item.

Assim, neste item há três objetivos que são:

- Descrever o contexto de situação;
- Descrever o contexto da pesquisa;
- Descrever os participantes da entrevista.

2.2.1 O contexto de situação

Como já mencionado na fundamentação teórica, todo texto está inserido em um Contexto de Situação (ou Registro) e em um Contexto de Cultura (ou Gênero). Halliday e Hasan (1989) abordam o contexto de situação que se manifesta nas escolhas léxico-gramaticais do falante que se apresenta em três variáveis

- *campo* relacionado as experiências de mundo e do que se trata;
- *relações* (participantes e o tipo de relacionamento e envolvimento entre os participantes da interação) e

- *modo* (organização da mensagem). Posto isso, pode-se dizer que nas entrevistas, o contexto de situação é:

Campo: Entrevistas feitas em português, a segunda língua do entrevistado, que é um Cacique de uma aldeia Guarani e que tem como língua materna o Guarani. As perguntas versaram sobre leis, política indígena e mitos indígenas. O entrevistado deu preferência para os temas legais e políticos. As perguntas foram feitas, como mencionado anteriormente, por mim e por mais uma aluna também do mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos de linguagem da PUC-São Paulo.

Relações: Quem participou das entrevistas foi principalmente o Cacique e as entrevistadoras, em um único momento se contou com uma pequena participação do então pajé da aldeia. No princípio essa relação não era muito amistosa. O informante tratava as entrevistadoras com um distanciamento muito grande. Conforme mencionado na descrição das entrevistas, agendou-se uma entrevista, mas ele não estava na aldeia nos esperando. O contato com o Cacique durou aproximadamente seis meses. Ao final desse tempo ele ainda não era muito amistoso, mas passou a ser mais colaborativo no sentido de dar entrevistas mais longas do que as primeiras.

Apesar de importante no discurso, essa variável será analisada no trabalho tendo em vista apenas a fala do Cacique. Não há interesse nesta dissertação, diante de seus objetivos, de se analisar as falas das entrevistadoras, nem a relação entre os interactantes, mas sim analisar a visão de mundo construída pelo Cacique em relação a ele mesmo, ao seu povo e ao homem branco.

Modo: as entrevistas são orais e apresentam dois tipos textuais: o narrativo e o argumentativo. O primeiro é utilizado quando ele conta as histórias e o segundo é usado durante toda a entrevista. Por ser falante nativo da língua Guarani, como já explicitado na variável campo, o Cacique não fala o português com clareza, foi preciso ficar muito atenta para entender. Ele apresenta muitas dificuldades

relacionadas à Língua Portuguesa. Uma dessas dificuldades diz respeito ao gênero masculino e feminino das palavras. Em uma das histórias que contou, falava todo o tempo “a cachorro do mato”.

2.2.2 O contexto da pesquisa

Neste item se fará a descrição do município em que a aldeia está localizada e em seguida a descrição da aldeia a que pertence o Cacique entrevistado.

a Município de Aracruz

Aracruz tem cerca de 1.435 quilômetros quadrados de área segundo o mapa do ITCF (Instituto Estadual de Terras e Cartografia) datado de 1978/1979, que tem como fonte dados do IBGE (Instituto de Geografia e Estatística). É banhada a leste pelo Oceano Atlântico e em seu interior correm rios importantes como o Piraquemirim, Riacho, Comboios e o Piraqueaçu, localizado em Santa Cruz, que abriga em suas margens cinco aldeias indígenas de origem Guarani e Tupiniquim. São elas:

- Reserva indígena de Pau Brasil;
- Reserva de Comboios;
- Caieras velhas;
- Irajá e
- Boa Esperança.

Santa Cruz era denominada Aldeia Nova, mais tarde em 1556, segundo o livro *Faça-se Aracruz*, essa cidade foi fundada pelo padre Brás Lourenço auxiliado pelo também padre Diogo Jácome. Ainda segundo o mesmo livro tudo começou com a chegada dos homens brancos naquelas terras habitadas somente pelos índios tupiniquins, chefiados pelo Cacique Maracaiá-Guaçu, ou Grande Gato. Eles chegaram em virtude do processo de catequização, fundando um núcleo de catequese que atraiu várias tribos de índios para a região. Mais tarde, com a

criação da Aldeia dos Reis Magos, atual Nova Almeida, o núcleo passou a denominar-se Aldeia Velha e os Guaranis, povo viajante, ali se fixaram no início do século passado. Hoje restam apenas seis aldeias das 32 existentes.

Segundo Amaral (2005), o motivo dessa queda no número de habitantes indígenas foi a instalação de uma grande empresa fabricante de papel. Essa empresa foi criada durante o regime militar e, segundo o autor, vem sendo apoiada pelos demais governos que o sucederam, permitindo a invasão de terras, concedendo-lhe empréstimos, investimentos, benefícios fiscais e portos.

Esta empresa fez e faz grandes plantações de eucalipto, matéria prima para a produção de papel. Esse tipo de agricultura trouxe, ainda segundo o mesmo autor, pobreza para índios e camponeses que foram expulsos de suas terras e transformados em bóias-frias da empresa. Em função desse plantio desordenado ela também é responsável pelo desmatamento, pela poluição do ar, do solo e dos mananciais com produtos químicos, e pelo roubo da água de vários rios, incluindo a do Rio Piraqueaçu, como já dito, responsável pela subsistência de muitas famílias.

Do ponto de vista econômico, essa empresa é muito representativa não apenas para o município de Aracruz, mas para todo o estado do Espírito Santo, pois ela é a maior produtora mundial de celulose branqueada de eucalipto. A celulose produzida é destinada à fabricação de papéis para imprimir e escrever, papéis sanitários e papéis especiais de alto valor agregado. Entre os seus maiores acionistas estão o Grupo Safra e o Grupo Votorantin.

Amaral (2005) diz que os índios de Aracruz lutam com essa empresa pela demarcação de suas terras - 40 mil hectares -, desde 1998, após o Ministério da Justiça reduzir o tamanho da reserva, no decreto de homologação para apenas 7 mil hectares. A empresa, entretanto, se defende dizendo não haver irregularidade

na compra de suas terras e que desde sua instalação ali, na década de 60, todas as compras de terra foram feitas de modo legal. A empresa faz, ainda, em seu site que é o <http://www.aracruz.com.br/pt/index.htm> uma descrição das atitudes elencadas abaixo, que vem tomando em favor dos povos indígenas desde 1998 e mostra em sua página na Internet os valores gastos com a causa indígenas em reais. São elas:

- Situação das ações previstas no termo de ajustamento de conduta;
- Repasses financeiros da Aracruz às comunidades indígenas;
- Programa de empregabilidade;
- Bolsas de estudo para membros da comunidade indígena;
- Estudo da recuperação dos rios Sahy e Guaxindiba;
- Plano de desenvolvimento florestal e ambiental na terra indígena de Caieras Velha;
- Assistência técnica;
- Projetos de geração de renda;
- Projeto cultural
- Doações diversas.
- Valor das contribuições voluntárias:
- Acordos comerciais;
- Programa produtor florestal.

•

a Descrição da aldeia

Não é difícil localizar as aldeias indígenas de Aracruz. Na Br ES 010 existem placas indicando as entradas de cada uma delas. Além das placas indicativas alguns índios ficam à margem da rodovia vendendo os artesanatos que fabricam. As entrevistadoras pararam, olharam o trabalho deles e em seguida pediram para falar com o Cacique. Foram informadas de que ele estava na aldeia e receberam autorização para entrar.

Passou-se por uma estradinha de chão que dá acesso à aldeia. Do lado esquerdo avistou-se a escola indígena, uma casa pequena e velha. O quadro estava na varanda da escola. A direita havia um campo de futebol que não estava sendo usado naquele momento. Continuando o percurso as entrevistadoras andam mais uns duzentos metros e então chegaram ao lugar em que se encontram as casas dos índios.

Essas casas são de madeira e pau a pique, a exceção da casa do Cacique que vive em uma casa de alvenaria, tem carro e celular. No meio da aldeia existe uma grande cabana feita de madeira, alta em formato circular. Ela é aberta, coberta com palha e no interior nela há bancos de madeira também em formato circular. O não índio aprende na escola que esse local é conhecido como oca, mas os índios não o chamam assim. O informante falou o nome desse local na língua Guarani³ e nunca se referia a ele como oca. Nos explicou que essa construção era o lugar em que as reuniões eram feitas.

Ao lado deste local de reuniões havia um grande galpão com artesanato feito pelos índios e objetos para a confecção de mais artesanatos. Nesse galpão ficavam também crianças brincando com bonecas e carrinhos, objetos da cultura branca que foram introduzidos na cultura do índio. Existem também alguns animais domésticos que são criados na aldeia como cachorros e animais criados para o abate como galinhas. Foi nesse local que as entrevistas aconteceram.

2.2.3 Descrição das entrevistas

Os dados utilizados na pesquisa foram coletados a partir de entrevistas em anexo feitas em quatro visitas à aldeia no primeiro semestre de 2003. A seguir se fará a descrição de cada uma delas:

³ Não foi possível fazer a transcrição do nome da aldeia em Guarani por que não conseguimos entendê-lo na gravação apesar de o informante ter falado duas vezes.

Primeira visita: as pesquisadoras foram recebidas primeiramente pelo membro mais velho da tribo, uma senhora de 92 anos de idade. Foi ela quem recebeu as pesquisadoras. Informou-se o objetivo da pesquisa e se poderia realizá-la tendo como informante um índio daquela aldeia. Ela autorizou e indicou quem seria o informante.

Conversou-se com o cacique, então, o Cacique. Em um primeiro momento ele não se mostrou muito disposto a ser o informante da pesquisa e explicou os motivos. Segundo ele, muitas pessoas vão até a aldeia, produzem material com a imagem dos integrantes e do espaço físico da nação, mas não dão nada em troca para os índios. Ele afirma que alguns pesquisadores prometeram remunerá-los, mas isso nunca aconteceu.

Levando em conta esses acontecimentos ele propôs uma permuta, a cada visita feita deveriam levar uma cesta básica para cada família da aldeia. Assim ficou acordado que em cada visita se doariam seis cestas básicas e algumas caixas de leite. A proposta foi aceita e marcou-se a segunda visita.

Segunda visita: apesar de ter sido marcada com antecedência não aconteceu. O membro mais velho da nação nos recebeu novamente e informou que o Cacique tinha ido a uma reunião.

Terceira visita: foi quando se conseguiu fazer a primeira gravação. Foi uma entrevista curta, pois ele disse que estava de saída para outra reunião. A entrevista teve duração de 30 minutos. Como a proposta inicialmente era trabalhar com mitos indígenas a entrevista iniciou-se com perguntas sobre as histórias indígenas, se elas ainda eram contadas para as crianças, quem as contava e sobre o que essas histórias tratavam.

Ele então respondeu a essas perguntas com muita objetividade e sem muitos detalhes. Disse apenas que quem conta histórias para as crianças na aldeia é

ele. Foi pedido, então, que contasse uma dessas histórias, e ele atendeu ao pedido contando uma história intitulada História da Lua. Na verdade, essa entrevista teve uma participação muito pequena das entrevistadoras uma vez que o informante ainda não estava muito à vontade para dar as entrevistas por isso elas foram, nesse momento, praticamente um monólogo. Ainda assim, nessa visita, o líder se mostrou bem mais amistoso. Essa entrevista foi feita no galpão descrito no item anterior. A próxima visita foi marcada para um mês depois tendo em vista que o Cacique iria passar um mês em Brasília participando de reuniões com políticos.

Quarta visita: esta teve duração de cento e vinte minutos. Foi realizada levando em conta um roteiro⁴ previamente elaborado, mas no decorrer da entrevista foi necessário se fazer modificações para deixar o informante o mais à vontade possível. Essa entrevista contou com a participação do irmão do Cacique que era um membro da aldeia sem nenhum cargo político ou religioso, mas que segundo o Cacique sempre o acompanhou às reuniões fora da aldeia. A primeira pergunta foi: O que o senhor, como representante indígena, pensa sobre as leis feitas para os índios?

Parece que essa pergunta foi, para o Cacique, propulsora de uma reflexão extensa sobre as leis e sobre a política que envolve essas leis. A partir do momento que se percebeu que as respostas seguiam essa temática, o que se fez foi sair do roteiro e adaptá-lo ao que o entrevistado queria falar. A partir do direcionamento que o Cacique deu para a entrevista, as perguntas passaram a ser relativas às questões que o próprio informante levantava, tais como leis referentes ao índio, cuidados com a natureza, educação diferenciada, manutenção cultural, pois para ele todos esses temas estão relacionados à questão legal.

⁴

O roteiro será anexado a este trabalho.

Essa modificação foi muito relevante por que os rumos da pesquisa foram modificados em função desse fato. A idéia inicial era destacar os mitos indígenas, no entanto no decorrer das entrevistas e principalmente da leitura e interpretação do que foi coletado, outras indagações sobre o Cacique, sobre o seu povo e sobre as suas relações com o homem branco foram aparecendo e assumindo o foco principal das inquietações, assim sendo, a pesquisa passou de análise de mitos indígenas para análise da identidade indígena, até chegar a análise do discurso do Cacique.

A título de ilustração, segue abaixo o final da resposta dada à primeira pergunta pelo Cacique:

(10)

[...] Até hoje nós tamos lutando aí pra é né quando pela Constituição Brasileira então **agente** ta indo correndo atrás pra nesse Governo agora vem se nós consegue uma coisa a mais.

Essa fala motivou a seguinte indagação feita pelas pesquisadoras:

(11) pergunta estimulada pelo contexto de entrevista

E como vocês pretendem fazer isso?

Aproveitou-se o assunto que o entrevistado levantou na resposta dada para se extrair mais informações. Quando o líder disse que estava lutando por alguns direitos e que estava “correndo atrás pra nesse Governo agora vem se nós consegue uma coisa a mais” aproveitou-se para perguntar como eles iriam fazer para conseguir tais reivindicações. Dessa forma conseguiu-se fazer com que o entrevistado desse mais informações, ficando assim o corpus mais representativo, com a maior quantidade possível de informações sobre o tema tratado – leis e política, dessa forma, essa estratégia acabou por ajudar na dissertação, pois com

um corpus mais representativo seria possível identificar mais elementos lingüísticos característicos do discurso do Cacique.

Ao se solicitar uma quinta visita, o Cacique disse que não seria possível porque a nação estava de mudança, tal afirmação causou dúvidas, pois apesar de os Guaranis serem considerados historicamente um povo nômade, não se sabe ao certo se eles ainda guardam essa característica, uma vez que o Cacique deixou claro em outra oportunidade que não queria sair daquela área.

Quando perguntado sobre o motivo da mudança, ele respondeu que não estava mais dando para viver ali porque uma indústria de papel localizada no município de Aracruz não estava respeitando os direitos indígenas e que, além disso, estava poluindo o rio Piraqueçu, que é o rio em que eles pescam, e do qual tiram boa parte de sua subsistência.

Ao ser perguntado para onde iriam, ele respondeu dizendo que não sabia. Esses últimos questionamentos deram-se com o gravador já desligado, pois pretendia-se apenas marcar uma nova visita. No entanto, as falas foram devidamente anotadas por uma das entrevistadoras.

2.2.4 Descrição do participante

O informante desta pesquisa foi basicamente o Cacique da aldeia Guarani localizada em Aracruz, no Espírito Santo, apesar de em uma das entrevistas o irmão do Cacique, que nessa ocasião passou a ocupar a função de pajé estar presente e falar em alguns poucos momentos. Devido a essa pequena participação sua fala não foi levada em consideração.

O Cacique é quem exerce o papel de líder político nessa aldeia indígena, e como ele próprio disse está “correndo atrás” (grifo meu) dos direitos legais de seu povo e exercendo o papel de mantenedor da cultura de seu povo. Ele diz nas

entrevistas ser um líder que sempre se reúne com políticos para discutir as questões legais que envolvem a aldeia, bem como, que vai a muitas reuniões com a finalidade de falar em nome do seu povo.

No que se refere à manutenção cultural, um outro assunto tratado nas entrevistas, esse líder afirma que faz reuniões freqüentes com todos os membros da tribo, inclusive com as crianças. Os assuntos levantados nessas ocasiões são variados. Eles falam sobre família, educação, casamento indígena, natureza, leis e normas que existem dentro da aldeia, essas reuniões servem também para que ele fale sobre os resultados das reuniões das quais participa fora da tribo, com os não índios, conta história para as crianças e aconselha os membros da nação.

1 Procedimento de armazenamento, seleção, classificação e análise dos dados

Esta pesquisa utiliza a Linguística de Corpus (doravante LC) como abordagem metodológica porque ela

[...] ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador. (BERBER-SARDINHA 2004:3)

Essa metodologia trabalha com a coleta e análise de conjuntos de dados lingüísticos em formato eletrônico chamados 'corpora' (Berber-Sardinha 2000: 325), os quais possibilitam o estudo em diversas áreas da linguagem como a semântica, a sintaxe e a análise do discurso. Essa abordagem aos dados explora a linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador (Berber-Sardinha 2000:3).

Como mencionado anteriormente neste capítulo, programas computacionais permitem o armazenamento de dados e manuseio dos mesmos a partir de diversas ferramentas. Assim, o conjunto de dados lingüísticos chamado corpus, pode ser estudado em diversas áreas da linguagem como a semântica, a sintaxe e a análise do discurso, com mais rapidez.

Para a análise lexical desta dissertação, utilizou-se as ferramentas concordanciador e listador de frequência do Programa Concordanciador - Cepril/Lael disponível no site <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/index.htm> desenvolvido por Berber-Sardinha (2005). Essas ferramentas possibilitam um trabalho com grande quantidade de textos de forma ágil. Apesar do corpus de estudo não ser considerado grande, o uso das ferramentas computacionais disponíveis possibilitou fazer um trabalho muito mais rápido e preciso, com uma pequena margem de erro.

Por meio dos recursos computacionais disponibilizados, pode-se fazer concordâncias com vários nódulos com bastante agilidade o que levaria muito tempo caso fosse feito manualmente. Concordâncias são “listagens de ocorrências de um item específico, chamado palavra de busca ou nódulo, que pode ser formado por uma ou mais palavras, acompanhado do texto ao seu redor” (Berber Sardinha 2004: 105). O corpus dessa entrevista tem as seguintes características:

Corpus	Entrevista 1	Entrevista 2	Total
Tempo	30 minutos	120 minutos	150 minutos
Total de palavras	2677	18776	21453

Quadro 2.1: Composição do corpus em tempo de gravação e número de palavras

Primeiramente, os dados foram transcritos, digitalizados e armazenados em um arquivo com extensão txt. Sobre a transcrição é preciso mencionar que algumas palavras foram transcritas fora dos padrões ortográficos oficiais. Isso se deu pelo

fato do programa fazer linhas de concordância com apenas uma palavra de cada vez, ele não lê “a” e “gente” como se formassem um núcleo de significação. Assim, o conjunto lexical “a gente” foi transcrito “agente”.

Outras palavras também fugiram do padrão oficial como o verbo “ter” na terceira pessoa do plural que não ganha o acento gráfico – “têm”. Neste caso, o trabalho foi facilitado no sentido de se ter em uma única lista de concordância, todas as ocorrências desse processo. Caso contrário seria necessário fazer a análise de duas listas de concordância uma do tem e outra do têm.

Em seguida, com o listador de frequência foi possível fazer o levantamento da lista de palavras do corpus de estudo que é fornecida pelo usuário. Essa lista é disponibilizada no formato txt, para ser aberto no Word e pode ser vista, a seguir, em duas seqüências diferentes.

No quadro abaixo, na coluna da esquerda, aparece a lista na qual as palavras estão em ordem alfabética, com o número de frequência em seu lado esquerdo. A lista em ordem de frequência está na coluna da direita. Nela, as palavras que apresentam um maior número de ocorrências aparecem primeiro. Com esse instrumento, pode-se verificar quais eram as ocorrências mais freqüentes e, a partir daí, selecionar os nódulos de interesse e fazer as concordâncias.

Lista em ordem alfabética	Lista em ordem de frequência
96 a 1 abraçar 1 abriu 1 acaba 1 acabo 1 acaso 1 aceitar 2 aceitaram 1 acertando 1 acha 1 achamos	91 não 85 agente 62 tem 59 nós 47 fala 43 lá 34 Guarani 31 eu 29 vai 25 ele 23 ta 22 pode 22 tava 16 lei

	17 eles 14 faz 13 projeto 12 educação 10 fazer 9 direito 6 tamo 4 artigo 4 faze 2 fazia 1 tamos 1 taria
--	--

Quadro2.2: Demonstrativo de listas alfabética e de frequência

Do quadro levantado, após os procedimentos acima descritos, se chegou ao grupo de nódulos que servem de base para a análise e discussão dos resultados. Vale dizer que antes da seleção do que de fato seria usado na análise, todas as ocorrências dos nódulos foram primeiramente avaliadas, e os nódulos que aparecem no quadro a seguir foram escolhidos tendo-se em mente os significados sistêmico-funcionais relacionados às metafunções ideacional e interpessoal, conforme descrito no capítulo teórico, voltando-se a escolha para que respondesse às perguntas dessa pesquisa.

VISÃO DE MUNDO DO CACIQUE	PROCESSO	PALAVRA DE CONTEÚDO	REFERÊNCIA
Sobre si mesmo	Não serão discutidos nessa dissertação	12 educação	85 agente 59 nós 31 eu
Sobre seu povo	17 são	Não serão discutidos nessa dissertação	61 nós 34 Guarani
Sobre o homem branco	Não serão discutidos nessa dissertação	16 lei 13 projeto 9 direito	Ele(s)

Quadro 2.3: Nódulos de Análise

Na coluna da esquerda do quadro 2.3 estão as macro categorias de análise – visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo, sobre seu povo e sobre o homem branco. Nas demais colunas foram apresentados os nódulos que serão usados na análise, dentro de uma classificação do léxico. Essa classificação está de acordo com a GSF, sendo disposta em processo, palavra de conteúdo e palavras de referência aos participantes.

A macro categoria A visão de mundo que o Cacique constrói de si mesmo tem como nódulos de análise a palavras de conteúdo “educação”, e as palavras de referência “agente”, “nós” e “eu”. A segunda categoria – visão sobre seu povo – contará com o processo relacional “são” e as palavras de referência de participante/pessoa “nós” e “Guarani”. Para a terceira categoria – visão sobre o homem branco - utilizou-se as palavras de conteúdo “lei”, “projeto” e “direito” e a palavra de referência de participante “ele(s)”.

Um dos momentos de maior complexidade no processo de construção da metodologia de trabalho, foi a escolha dos nódulos de análise, pois isso implicaria em retirar da discussão alguns itens lexicais, pois a análise de todos os que parecessem interessantes inviabilizaria a pesquisa, principalmente no quesito tempo. Assim os nódulos foram selecionados após serem ouvidos e percebidos pela pesquisadora, os que se apresentaram de maneira mais significativa e mais gritante permaneceram na análise, enquanto os demais foram descartados.

Com os nódulos de análise separados e demonstrados acima foi possível fazer o levantamento de assuntos que serão trabalhados na análise e que correspondem à natureza ideacional da fala do Cacique, bem como o levantamento do léxico utilizado pelo Cacique que caracteriza os participantes do ponto de vista interpessoal.

Utilizando essas ferramentas os dados foram analisados da seguinte maneira: as concordâncias foram feitas primeiramente com os processos mais recorrentes os que apareceram no topo da lista de frequência como:

(12) processos mais recorrentes

62 tem
47 fala
29 vai
17 são
14 faz

Em segundo lugar esses números aumentaram quando foram adicionadas a eles as variações de tempo, modo, número e pessoa. Assim o processo verbal “fala”, que teve 47 ocorrências no corpus ganhou mais oito ocorrências que foram as seguintes:

(13) co-ocorrências do processo verbal “fala- falar-falando-falou”

1 se todo mundo tiver opinião ali pra
falar pra ver a forma como que poderia
2 Brasília né pra gente vê se consiga
falar com os pessoal responsável lá em Brasília
3 dele né , vai pensar que ta
falando mal , então , pra não acontecer
4 não sobe em árvore , ele tava
falando mentira pra você , só pra dá
5 filho pra você , que você ta
falando isso . aí ele fala assim :
6 agente deixamo lá então o secretário até
falou alto com agente não então agente falamo
7 criou o céu e a terra (
falou o nome de deu em Guarani)
8 só pra dá seu filhinho que ele
falou isso . então , aí o sabiá

Esse procedimento foi feito com todos os demais processos e foi adotado para se ter um ponto de partida. A análise dessas listas indicava sobre quais assuntos o Cacique falava ou sobre quais assuntos as pessoas que ele citava na entrevista falavam. As primeiras dez ocorrências exemplificam:

9 de de leis . () (
fala em Guarani) . é porque né
10 o artigo é 210 né , que
fala sobre educação né tudo isso as veze
11 então já quando agente vai na universidade
fala que o estado né , o estado
12 agente vai no município , no município
fala que é isto é muito complicado é

13 envolve muito muito muito setores aí que
fala quando agente quer fazer nois mesmo só
14 indígena vai buscar o seu objetivo ai
fala que tem que autorização da funai ,
15 tem que autorização da funai , outro **fala** que não , no estado não
tem
16 ainda né . () então disse
fala que pra ter um qualquer tipo de
17 o dinheiro o dinheiro vai lá e
fala alto mais do que a lei né
18 uma coisa que que nem quando agente
fala do artigo 231 e 232 esses artigo

Nessas linhas de concordância podem-se verificar alguns dos assuntos abordados pelo Cacique, esse nóculo, como se observa no quadro 2.2 será trabalhado na análise na terceira categoria a visão de mundo que o Cacique constrói do homem branco. Alguns assuntos são:

Educação: linha 10

Lei: linhas 9,10,17.18

Política: linhas 11,12,13,14,15,

Na seqüência passou-se a verificar outras palavras cujas freqüências eram relevantes e que não eram processos, na concepção da LSF, mas palavras de conteúdo e de referência, os auxiliares e os modais. Vêm-se algumas delas

(14) itens lexicais de referência de freqüência alta:

85 agente
59 nós
42 ele(s)
34 Guarani
31 eu

(15) Léxico de conteúdo

25 pessoa
16 lei
13 projeto
12 educação
11 terra
11 aldeia
10 estado
9 índio

conteúdos de natureza Ideacional de modo a responder as perguntas de pesquisa. Dessa forma foi possível verificar escolhas lingüísticas no contexto do texto a partir das concordâncias resultantes do programa computacional , como “agente”, “eu”, “ele(s)”, “podemos”, “tem”, “educação”, “Guarani” e “nós” que pouco a pouco facilitaram o desmembramento de três grandes grupos de análise: a visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo; a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo; a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem branco.

Os assuntos que serão tratados, que surgiram da fala do Cacique foram agrupados como a visão de mundo do Cacique, assim os assuntos se diferem dependendo da visão de mundo em relação a cada pergunta de pesquisa. Na visão que o Cacique tem sobre si mesmo os temas foram a Visão do Negociador Político; do Preservador da Natureza; do Líder e Integrante da Nação; do Defensor da Educação Diferenciada.

Quanto à visão de mundo que o Cacique constrói sobre seu povo os assuntos encontrados e trabalhados foram sobre Brasilidade e Cultura. Quanto à visão que constrói sobre o homem branco os assuntos foram o homem branco e sua relação com a lei; o homem branco e os direitos indígenas; o homem branco e sua administração; e o homem branco e o índio.

Os nódulos de análise foram combinados com outros itens lexicais no decorrer da análise, possibilitando uma verificação em conjunto do nódulo com os processos e com os moduladores. Esses conjuntos de análise prepararam a pesquisadora para investigar os assuntos abordados na análise, capítulo 3 dessa dissertação. As combinações podem ser vistas no quadro 2.4 abaixo.

Alguns nódulos não aparecerão combinados, na análise, com outros itens lexicais, nem com processos ou auxiliares, nem com modais, como é o caso de “educação”; “são”; “Guarani”. Esses itens estão situados no quadro 2.3 com as

devidas observações. O único nóculo que aparece combinado com modal é o “agente” na primeira categoria de análise.

É importante ressaltar que o “não” apesar de ter uma freqüência muito alta, pois são 91 ocorrências, não será analisados em separado, mas apenas combinados com o modal “podemos”.

NÓDULOS DE ANÁLISE VISÃO DE MUNDO DO CACIQUE			LÉXICO DE COMBINAÇÃO PARA ANÁLISE	
			PROCESSO E AUXILIAR	MODAL
PROCESSO	PALAVRA DE CONTEÚDO	REFERÊNCIA		
Sobre Si Mesmo				
Não foram analisados os processos como nóculo nessa visão de mundo construída pelo Cacique, apenas como léxico de combinação.		“agente”	“fala” “falamos” “dá ordem” “chama” “dá conselho” “conta” “ta, tamo, tava” “lutando” “correndo” “furando” “discutindo” “dizendo” “lembrando” “querendo” “viu” e “vê”	“pode” “podemos” “não podemos”
		“eu”	“falei”, “dizendo”, “perguntar”, “contar”. “tenho” “sou”	
		“nós”	“tamo, tava” “Lutando” “Dizendo” “Discutindo” “Acompanhando”	
			Não foram combinados	

			processos, auxiliares ou modais, para análise desse nóculo.	
	“educação”			
NÓDULOS DE ANÁLISE VIS?O DE MUNDO DO CACIQUE			LÉXICO DE COMBINAÇÃO PARA ANÁLISE	
			PROCESSO E AUXILIAR	MODAL
PROCESSO	PALAVRA DE CONTEÚDO	REFERÊNCIA		
Sobre Seu Povo				
“são”		“nós” “Guarani”	Não foram combinados processos, auxiliares ou modais, para análise desse nóculo. “é” “somo” “vive” e “dá” *“tamo” Não foram combinados processos, auxiliares ou modais, para análise desse nóculo.	Não foram combinados modais, para análise desse nóculo
Sobre o Homem Branco			PROCESSO E AUXILIAR	MODAL
Não foram analisados os processos como nóculo nessa visão de mundo construída pelo	“lei” “projeto” “direito”	“ele(s)”	Não foram usados léxicos de combinação para análise da visão do Cacique sobre o homem branco.	

Cacique,			
----------	--	--	--

Quadro 2.4: Nódulos de Análise mais léxico de combinação

Na coluna da esquerda estão apresentadas as categorias de análise e seus respectivos nódulos. A coluna central apresenta o léxico de combinação para análise, que foi subdividida em duas outras colunas, apresentando, na primeira os processos e os auxiliares, e na segunda os modais, que se apresentam nessa dissertação, apenas como moduladores, para efeito de discussão dos dados, desprezaram-se as modalizações.

Com esses procedimentos de análise aqui descritos foi possível verificar as escolhas lingüísticas que pouco a pouco facilitariam o desmembramento das respostas das perguntas de pesquisa tendo por base a GSF. Optou-se por apresentar a análise a partir das concordâncias tiradas com as palavras de referência “agente“, “nós“, “eles“, por exemplo. Como combinam com os processos, a observação dessas concordâncias tornou mais claras as observações em torno das escolhas lingüísticas do Cacique.

Neste capítulo foi apresentada a metodologia empregada na pesquisa, incluindo a descrição do corpus, bem como a especificação dos procedimentos de coleta e de análise dos dados.

No capítulo a seguir serão apresentados e analisados os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta, discute e analisa os resultados obtidos do levantamento lingüístico descrito no Capítulo 2 – Metodologia. Cada uma das seções a seguir será usada para responder às perguntas de pesquisa, já apresentadas na Introdução e reiteradas na Metodologia.

3.1 A visão de mundo construída pelo Cacique de si mesmo

Neste item será considerada a primeira parte da pergunta de pesquisa – qual a visão de mundo que o Cacique constrói de si mesmo? O Cacique é o líder político da nação Guarani pesquisada, é ele quem representa politicamente a aldeia, tanto em sua própria nação Guarani quanto fora dela.

Como dito na metodologia, vários tópicos como lei, educação, cultura e política foram tratados nas respostas da entrevista. Para responder esta pergunta de pesquisa buscou-se na fala do Cacique os seguintes assuntos: política, liderança, natureza, nação e educação.

Das ocorrências lingüísticas, observadas no discurso do Cacique listadas na metodologia e escolhidas como foco de análise, algumas expressam significado semântico avaliativo/opinativo que contribuem para responder a questão proposta neste item e que referenciam o Cacique tais como: “agente”, “nós”, “eu” e “educação” bem como alguns itens lexicais que cercaram esses nódulos, como os

modais “pode”, “podemos”, “não pode”, e os processos “fala” e “estar”. Levantaram-se, ainda, as ocorrências desses itens com outros nódulos que acrescentavam significados semântico-funcionais relacionados às perguntas de pesquisa e aos tópicos levantados na entrevista, tais como política, educação e preservação da natureza. Esses elementos de análise podem ser vistos no formato de quadro no capítulo 2, quadro 2.3 e 2.4.

Para isso, foi reunido a seguir, as seguintes combinações: “agente“ com “pode“, “podemos“ e “não pode“; agente com processos verbais como “fala”, “falamos”, “chama”, “dá conselho”, “conta” e “discutindo”; “agente“ com o auxiliar “estar“ e processos que aparecem no gerúndio tais como “buscando”, “dizendo”, “querendo”, “lutando”; o “agente“ e o processo comportamental “viu” e “vê”; “agente” mais “tem que”; “eu” acompanhado de processos verbais como “falei”, “dizendo”, “perguntar”, “contar”; “eu” mais processo relacional; “nós” mais auxiliar “tamo” mais processo e por fim, “educação“, léxico de significado ideacional que mostrou-se relevante na fala do Cacique. Por isso, resolveu-se destacá-lo e incluí-lo nesta análise. Note-se que essa opção pode vir combinada, ou não, com outras possibilidades de alta frequência no corpus.

As discussões a seguir serão divididas em quatro segmentos, sendo esses resultados da análise da discussão dos dados, construindo quatro possíveis visões que o Cacique tem de si mesmo, obtidas a partir de suas escolhas lingüísticas mais frequentes. Essas possíveis visões são nomeadas da seguinte forma: negociador político; preservador da natureza; líder e integrante de uma nação e defensor da educação diferenciada.

3.1.1 Negociador político

O primeiro nódulo a ser investigado é o “agente”. No item de análise abaixo se verifica a sua combinação com “podemos”, “pode” e “não pode”. Essas combinações expressam modulações que são usadas pelo Cacique com o sentido

então uma coisa que que nem quando agente fala do artigo 231 e 232 esses artigo poderia estar é poderia ser quando na prática mesmo pra ser praticado diz que tem que ter o estatuto do índio.

O uso de “agente podemos” no sentido de ‘ser capaz de’ nas linhas 1, 2 , 4 e 5 pode levar o interlocutor ao universo da comunidade representada na fala de forma menos contundente, assim o papel da modulação média se cumpre, demonstrando que o Cacique tem capacidade de dialogar e de discutir politicamente sobre questões sociais sem exercer um autoritarismo radical, como pode ser visto no exemplo 19 quando ele diz “agente podemos sentar com deputados e senadores”. Esse “sentar” pode ser entendido como uma possibilidade de diálogo, como uma abertura para o desenvolvimento de uma relação social e profissional.

Nas linhas 3, 7, 8 e 9 o modal “pode” aparecem precedidas por “não” expressando uma modulação com o sentido de ‘dar permissão para’. Aqui se realiza uma escolha de modulação de obrigação baixa, como uma permissão (Eggins, 1997:103).A escolha pressupõe o conhecimento prévio por parte da aldeia representada pelo Cacique nos assuntos a serem abordados, assim a modulação aparece como uma lembrança dos valores da comunidade como, por exemplo, “**não pode** dizer o que não é”, linha 3, “**não pode** matar”, linha 7, e “a história que **não pode** acabar”, linha 8.

Pode-se travar aqui, segundo Eggins (1997) um paralelo no que se refere às relações dos papéis estabelecidos entre os interactantes. Por meio do uso do modal na opção negativa “não pode” verifica-se a assimetria da relação entre o Cacique e o seu povo. A autora diz ainda que para se legitimar a relação entre os interactantes lança-se mão de vários recursos. Aqui o Cacique se vale da sua autoridade de representante da nação e dos poderes que esse papel lhe confere.

1 Preservador da natureza

As regras de conduta social da aldeia advindas da opção modulada “não pode” estão relacionadas a itens da natureza como os animais. Na concordância da linha 7, o Cacique além de dizer que não pode matar, justifica essa ordem com outra modulação, dessa vez uma modulação alta “tem que preservar”. Vê-se que não há de se convencer o outro da mesma comunidade de que a natureza deve ser preservada, pois isso está no senso comum do povo a que pertence o informante. Segundo Eggins (1997) essa atitude acontece porque os membros dessa nação estão filiados, ou seja, se identificam com as crenças e os valores propostos pelo Cacique como se vê no próximo exemplo.

(20) é bom essa história, agente conta porque já é os mais velho, os antigo, os avós contavam a história, isso acontece, então **agente como não pode** mata passarinho, tudo isso agente fala pra ela, porque o cachorro do mato, gosta come passarinho.

O item lexical “agente”, nesse exemplo 20, representa o Cacique e os demais membros da comunidade que já têm um conhecimento e representação de mundo formados a respeito, por exemplo, da natureza, sendo assim ele repassa essas questões para os mais novos usando histórias em que a modulação baixa de obrigação, “não pode”, aparece implícita na fala, para o direcionamento da conduta social, como em “agente como não pode mata passarinho” na linha 9.

Essa forma de se mostrar como preservar a natureza aparece nas histórias contadas na tribo. Elas funcionam como uma fonte de perpetuação dessa idéia de manutenção da natureza. As ocorrências das linhas 7, 8 e 9 aparecem em uma narrativa oral contada pelo Cacique. Ele diz que essas histórias são contadas na aldeia para as crianças e todas elas têm uma moral no final, em geral são histórias que se parecem muito com as fábulas usadas pelo homem branco com o

intuito de ensinar/incultir em quem ouve valores éticos. O exemplo abaixo de número 21 traz o trecho de uma das histórias contadas pelo Cacique que aparecem nas entrevistas.

(21) A isso aí tudo **agente conta à história**. Agora tem uma historinha que as crianças gosta também, é história de cachorro do mato e também jiruti. Então **eu vou contar** essa aí. Então essa história é assim: " Era uma vez, então o cachorro do mato, o jiruti e o sabiá. Então ali, ali o jiruti fez um menino í lá em cima, no galho, então ali tem dois filhotinhos, ali o cachorro do mato veio, tava com fome, falo assim: o jiruti, me dá um seu filho pra mim come.

Embora a análise das histórias contadas pelo Cacique não seja o foco desta análise, é importante que se saiba a importância que elas têm dentro dessa sociedade. Elas são usadas com um valor educativo e como perpetuadoras de cultura. Por meio delas o Cacique mostra às crianças, por exemplo, que a natureza deve ser preservada.

Com os modais “pode” e “não pode”, expressando modulação, nas linhas de 1 a 8 percebe-se a questão da transmissão social do conhecimento de que fala Junqueira (2002). Por meio dessas expressões de modulação o Cacique aborda possíveis atitudes corretas ou não para um índio e esses conhecimentos sociais, como em outras comunidades, podem fazer do indivíduo um integrante aceito ou não nessa comunidade. Assim, o Cacique sente-se contribuindo para a preservação da natureza que o cerca, por meio dos seus ensinamentos.

3.1.3 Líder e integrante da nação

Também levantamos ocorrências de “agente” com os processos verbais “fala”, “falamos”, “dá ordem”, “chama”, “dá conselho” e “conta”. Através dessas escolhas,

se manifesta sobre as leis e na linha 24 para se manifestar sobre conselho para outros membros.

Os processos verbais usados pelo Cacique como “fala”, “dá ordem”, “chama”, “conta” tem como participante o “agente”, no qual ele próprio se inclui. Com o uso do processo verbal “fala” ele indica lingüisticamente que a visão de mundo que constrói de si mesmo é uma visão positiva. Ele não só preserva como ensina os outros a fazerem o mesmo, como se vê no exemplo 22:

(22) [...] Explica assim, que é são, assim a história que agente não pode acaba, tudo isso **agente fala** pra elas, porque como o animalzinho também ela sente, ela sente dor também, e como eles tem também a vida, tal como agente também tem a vida, se alguém também bater na pessoa agente sente dor, então eles também sente dor, se agente machuca ou cortar eles sente dor, então por isso não pode machucar os bichinho, não pode mata, tudo isso **agente fala** pra eles.

Observa-se que os ensinamentos são demonstrados para as entrevistadoras com o uso de “agente fala”, essa é a visão que ele - o Cacique - tem de si e que demonstra para o outro. Ainda por meio desses processos pode-se perceber a construção de uma imagem que trás à tona um líder político com certa articulação no que se refere ao conhecimento das leis, como se observa nas linhas 10 e 11 quando ele diz “agente fala do artigo” e “agente falamos que não tá destruindo”. Além disso, ele cita a lei e localiza o assunto pelo artigo.

O contexto da entrevista revela que ele estava falando com pessoas na Universidade Federal do Espírito Santo que não queriam recebê-lo. Segundo o Cacique, nessa ocasião, eles, a aldeia, queriam apresentar um projeto, que não se disse sobre o que era, para a universidade, entretanto a pessoa que o recebeu não foi amistosa, mesmo assim ele enfrentou a situação.

(23) [...]Então eu faço parte também mais pra acompanhar né nois fomos lá na Universidade as pessoas lá que são responsáveis não aceitaram nossa proposta não aceitaram e nem queria receber o documento o relatório que

agente deixamo lá então o Secretário até falou alto com agente não então **agente falamo** que não ta destruindo, não tamo invadindo, não tamo roubando, agente ta buscando o direito da gente então é esse dia tinha o Diretor lá da Universidade também foi semana passada teve uma reunião então agente tem Subnúcleos da Educação aí na área da Educação são discutidu tudo nessa reunião.

Ao falar sobre sua conduta na escolha do nódulo “agente” o Cacique demonstra a visão que tem de si mesmo, como alguém que não destrói, não invade, não rouba e não mata, mas, sim, busca sua posição no mundo de maneira coerente e legal por meio de direitos previamente estabelecidos, conforme pode se observar no exemplo 24.

(24) [...]Então eu faço parte também mais pra acompanhar né nois fomo lá na Universidade as pessoa lá que são responsável não aceitaram nossa proposta não aceitaram e nem queria receber o documento o relatório que agente deixamo lá então o Secretário até falou alto com agente não então **agente falamo** que não ta destruindo, não tamo invadindo, não tamo roubando, agente ta buscando o direito da gente então é esse dia tinha o Diretor lá da Universidade também foi semana passada teve uma reunião então agente tem Subnúcleos da Educação aí na área da Educação são discutidu tudo nessa reunião.

Uma outra ocorrência do nódulo “agente” é com o auxiliar “estar” combinado com processos material, verbal, mental ou comportamental. Expressas de forma quantitativa essas combinações de “agente” mais auxiliar mais processo aparecem em 14,28% das ocorrências do nódulo “agente”, ou seja, das oitenta e cinco vezes que esse nódulo aparece no corpus doze vezes ele aparece com essa construção. No item de análise apresentado abaixo os processos são:

Materiais: lutar, correr, furar

Verbais: discutir, dizer

Mentais: lembrar

políticos não índios (linha 30) e por acompanhar projetos que são feitos em favor de seu povo (linha 35).

A linha de concordância 29 parece indicar, ainda, que o Cacique se vê como um líder que resolve ou pelo menos procura resolver os problemas com certa agilidade, nesta linha ele diz que “ta correndo atrás nesse governo”. O “esse” se refere não ao governo atual, mas ao que iria sucedê-lo. Dessa forma ele diz que a busca das soluções para os problemas indígenas precisa ser analisada de forma criteriosa, pois ele diz que está estudando uma maneira de conseguir um direito para o seu povo em um governo que ainda seria eleito.

(25) [...]é né quando pela Constituição Brasileira então **agente ta indo correndo atrás pra nesse Governo** agora vem se nós consegue uma coisa a mais.

Concordância de “agente” com o processo mental “viu” e “vê”

Esses processos mentais corroboram o resultado das análises feitas até aqui. Viu-se que o Cacique constrói para si mesmo uma imagem positiva de sua liderança em vários aspectos como o político e como o preservador da natureza.

37 os governantes que vinha governando esse país
agente viu que as pessoa não dava o
38 , então isso nós passemos e hoje
agente vê que existe uma lei que garante
39 brasileiro porque hoje né que nem hoje
agente vê ontem e hoje ontem agente tava

O Cacique se coloca como um líder que tem uma percepção aguçada em relação aos fatos políticos. O processo mental ver, em todas as linhas de concordância acima (37,38 e 39), está associado a perceber. Assim o Cacique se coloca como sendo um líder que percebe os problemas políticos associados à vida de seu povo. Na linha 37 quando ele diz que “viu” que as pessoas que governavam o país não resolveriam os problemas indígenas pode-se inferir que o Cacique se vê como um líder que tem uma visão aguçada sobre os fatos políticos. Ele parece se

colocar como alguém que tem experiência o bastante para enxergar os problemas e possíveis soluções para o seu povo.

Concordância com “tem que” expressando modulação

Essa modulação, “tem que”, segundo Eggins (1994) indica ordem.

40 fazer uma coisa mais correta todos **tem que** participar né
e se não tem
41 prática mesmo pra ser praticado diz que **tem que** ter o
estatuto do índio .
42 só então pra melhorar mesmo todo mundo **tem que** abraçar uma
causa que possa trazer
43 né , aí os pais só que **tem que** conhecer bem
a pessoa , não
44 não pode enganar a moça isso que **tem que** cuidar mais
dessa parte que não
45 então não precisa tomar remédio , **tem que** curar a casa
dele , o
46 e não é remédio assim , já **tem que** levar na casa
de reza .
47 não precisa de toamr remédio , somente **tem que** cuidar assim
na casa de reza
48 vive aqui na terra , então agente **tem que** adorar o sol
e a lua
49 aqui , agente não pode matar , **tem que** preservar
() ensina ,
50 não tem como ficar na aldeia , **tem que** sair fora . ()
pode

Por meio desse item de análise nota-se que o Cacique diz ao seu povo o que deve e o que não deve fazer. Talvez esse seja um indicativo do como ele se vê na posição de chefe. De acordo com o conhecimento de mundo que se tem, pode-se deduzir que o líder é aquele que está à frente de um grupo para, entre outras tarefas, estabelecer ordem dentro dele. Assim não se pode falar de liderança sem regras e quem impõe essas regras é o próprio Cacique, por isso pode-se dizer novamente que a relação entre o Cacique e os demais membros é assimétrica..

Nas linhas 40 e 42 o Cacique mostra ao povo que lutar por direitos indígenas é uma obrigação de todos e não somente dele. Esse fato é observado por meio da ocorrência “tem que” mais os processos verbais participar e abraçar. Nos dois

casos o Cacique explicita a questão de se ter em mente a importância da luta pela causa indígena. Como em “ todos **tem que** participar” e “todo mundo **tem que** abraçar uma causa”.

O Cacique fala ainda das responsabilidades que os índios têm em relação à família. Nas linhas 43 e 44 ele fala sobre a importância de se manter uma família unida. Por isso ele diz que é preciso conhecer bem a pessoa com quem se vai casar – “**tem que** conhecer” linha 43 e que o rapaz não pode enganar a mulher que será seu cônjuge – “**tem que** cuidar dessa parte”, linha 44.

Com essas advertências pode-se inferir que o Cacique assume a função de mantenedor das famílias da aldeia. Não se pode comprovar no corpus de estudo se o Cacique vê a manutenção da família como uma fonte de manutenção cultural, mas pode-se afirmar que as famílias tem um valor muito grande dentro dessa sociedade. Esse item de análise dá indícios de que o Cacique tem, de fato, a liderança da tribo, pois dentro de uma sociedade a única pessoa que pode dar ordens é aquela instituída direta ou indiretamente para ocupar o cargo de chefia, de poder.

Na linha 50 o Cacique fala sobre a não adaptação de um membro às leis indígenas – “**tem que** sair fora”. Esse é um indicativo de que o seu povo indígena precisa respeitar as regras que lhes são impostas, quem assim não o faz é fadado ao isolamento social. O exemplo 26 mostra isso.

(26) [...] nós temo uma regra, uma lei, se uma lei é se a lei na aldeia não for respeitada pela pessoa que veio de fora não v ai ter cabimento, não tem como ficar na aldeia, **tem que sair fora.**

O Cacique delimita, então, quais são as pessoas que podem ou não pertencer à aldeia e o critério utilizado é a obediência às normas impostas dentro dela. Ao dizer que tem esse poder pode-se deduzir que o Cacique se vê realmente como

60 do mato e também juriti. então **eu**
vou contar essa aí . então essa
61 elas , ou são os pais é **eu**
conto aquele que interessa ouvi , interessa
62 do mato e também juriti. então
eu vou contar essa aí . então essa

Os processos verbais que acompanham o nódulo “eu” estão no passado denotando assim, uma ação acontecida; além disso, esses processos são precedidos por intensificadores como o “já” na linha 53 que indica um adiantamento da ação e um “até”, na linha 55, que indica uma ação a mais e não obrigatória na cadeia dos acontecimentos. O que se nota nas concordâncias, então, é a construção da imagem de um líder dinâmico, ele já fez o que deveria fazer e de forma rápida (linha 53) – “eu **já** falei”-

Além disso, seu discurso parece indicar que ele fez mais do que seu cargo exige como observado na linha 55 - eu **até** falei lá . Para ele não existia a obrigatoriedade de falar com os políticos com quem ele estava disposto a sentar e conversar (linha 55), mas para exercer o seu papel de líder ele se propôs a fazer isso se mostrando disposição a conversar para negociar melhorias para o seu povo.

As duas últimas ocorrências do “eu” com processos verbais se referem às histórias que ele conta para as crianças da tribo. Nas linhas 61 e 62 ele diz que não conta essas histórias para todas as crianças, mas somente para aquelas que querem ouvir. Quando diz isso ele parece construir, para o ouvinte, uma imagem de líder democrático, que permite que seus liderados usem o livre arbítrio para fazer suas escolhas. Entretanto, essa democracia não é absoluta, um pouco mais à frente se verá que as escolhas não são feitas de forma tão livre.

Concordância de “eu” com os processos relacionais “tenho”, “sou” e “são”

Os processos relacionais com o nódulo “eu” aparecem três vezes. Nessas concordâncias pode-se observar a atitude do Cacique em relação a si mesmo.

69 que vive naquela mata foi isso que
nós tava discutindo ontem . () a
70 mim participar né então é então agente
nós tamo acompanhando também esse projeto de meio

À semelhança do “agente”, o nódulo “nós” trás em seu sentido semântico a presença do próprio Cacique. O “nós” aparece ora como tendo o Cacique por participante ora representando toda a nação Guarani e ora representando apenas os Guarani da aldeia pesquisada, inclusive o próprio informante. Nesta seção veremos apenas o primeiro caso, em que o nós representa o Cacique como sendo o único participante.

Essa representação pode ser vista nas concordâncias acima. Na linha 66 ele diz novamente que está lutando por uma causa indígena. Dessa vez é a educação. Na linha 67 ele especifica que educação é essa pela qual ele está lutando – educação diferenciada. Por se tratar de um assunto que envolve a manutenção cultural do povo Guarani esse nódulo “educação” será o próximo item de análise.

Nas linhas 68 e 69 o Cacique usa processos verbais – dizendo e discutindo – para falar de assuntos que o preocupam como leis referentes aos direitos indígenas e a questão da demarcação de terras indígenas. Com a ocorrência de “nós” mais auxiliar “tamo” mais processo observou-se que o Cacique constrói para si a imagem de uma liderança que diz falar sobre questões inerentes a causa indígena e que diz que luta por essas causas.

3.1.4 Defensor de educação diferenciada

Uma das causas indígenas pelas quais o Cacique luta é a educação diferenciada para seu povo. A concordância com nódulo “educação”, que obteve 12 ocorrências no corpus, mostrará como o Cacique vê essa questão.

Concordâncias com “educação”

71 aldeia né , nem na área da
educação o artigo é 210 né , que
72 é 210 né , que fala sobre
educação né tudo isso as veze a lei
73 ter o seu costume na área de
educação né , como se organizar como ter
74 , como se organizar como ter uma
educação né própria da suas aldeia né que
75 nós tamo lutando também pra conseguir a
educação diferenciada né , então já quando agente
66 muito complicado é difícil de conseguir uma
educação diferenciada . até hoje nós tamos lutando
77 então é sempre dá a diretriz da
educação diferenciada né e tudo isso agente tem
78 pessoa que faz parte do subnúcleo da
educação né ela é uma coordenadora e tem
79 uma reunião então agente tem subnúcleos da
educação aí na área da educação são discutido
80 subnúcleos da educação aí na área da
educação são discutido tudo nessa reunião . (
81 nível superior também então esse é a
educação de língua , continua mesmo de la

Pode-se observar neste item de análise que o nódulo “educação” aparece combinado com o léxico “diferenciada” três vezes num universo de onze ocorrências. Percentualmente esse valor totaliza um expressivo 27,27% do total das ocorrências. O Cacique sinaliza com essas ocorrências que a educação diferenciada é uma de suas metas/preocupações. Essa idéia é corroborada ao se observar a linha 66 em que ele diz estar lutando para se conseguir tal benefício. Na linha 77 vê-se que essa educação diferenciada tem diretrizes específicas que é proposta pelo próprio índio. Vê-se no exemplo 27.

(27) Nós temos todos documentário que **agente fizemos**, aí então é sempre **dá a diretriz da educação diferenciada** né e tudo isso agente tem tudo escrito e então hoje envolve muitas coisas envolve muito setores aí que fala quando agente quer fazer nós mesmo só o povo indígena quando que o povo indígena vai segue a busca do seu objetivo quando as comunidade indígena vai buscar o seu objetivo.

Sabe-se que um dos elementos responsáveis pela manutenção da cultura de um povo é a educação que ele recebe. Assim, o Cacique ao dizer que luta por uma

educação diferenciada está assumindo um papel de mantenedor da cultura do seu povo. É em uma escola feita para índios que as crianças irão aprender para posteriormente perpetuar valores indígenas, o que não acontece em uma escola de brancos em que os valores ensinados não são os do seu povo de origem. Nessa escola que não tem educação diferenciada os índios aprendem a história do Brasil contada pelo homem branco bem como aprendem a história também indígena contada pelo homem branco. Conforme fala do Cacique no primeiro contato com as entrevistadoras, quando ainda não se tinha autorização para gravar as conversas.

Nessa escola, como se observa no exemplo 27, as diretrizes são elaboradas pelos próprios índios -“então é sempre dá a diretriz da **educação** diferenciada né e tudo isso agente tem” . Esse fator é o diferencial dessa educação, pois é por meio dessa abertura legal que se permite ao Cacique inserir as diretrizes educacionais para o seu povo. Esse sistema escolar recebe esse nome também pela localização da escola que deverá ser dentro da aldeia conforme indicado na linha 74.

Um outro fator que indica a preocupação do Cacique em relação à educação diferenciada aparece nas linhas 78, 79 e 80 quando o Cacique cita um órgão público – “subnúcleo de educação”. Nesse momento observa-se a interposição de duas características que o Cacique apresenta em relação a sua liderança no seu discurso: um saber político e a preocupação em manter a cultura de seu povo.

3.2 A visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo

No item anterior viu-se como o Cacique fala de si mesmo. Neste item será considerada a segunda pergunta de pesquisa: o que o Cacique fala sobre seu povo. Para tanto serão analisados, novamente, palavras que contenham um sentido semântico relacionadas a esse tema.

Nesse sentido, o Cacique aborda a questão de que eles - da aldeia, aqui rerepresentado pelo “nós” fazem parte desse universo Tupi-Guarani, Guarani e paraguaio, eliminando as fronteiras, conforme será observado na concordância de linhas 82,85 e 86 com o nóculo “Guarani”.

Concordâncias com “nós” mais processo relacional “são”

87 né não os americano os americano verdadeiro
são nossos parentes que vive lá naquela terra
88 vamo lá nós como eu mesmo eles
são brasileiro nós somos brasileiro ele são brasileiro
89 eles são brasileiro nós somos brasileiro ele
são brasileiro se essa terra é Brasil se
90 Brasil se é americano ou América América
são tudo brasileiro se é argentino se for

Ainda concernente à nacionalidade, a visão do seu povo aparece de forma abrangente e não restritiva, ao dizer que os americanos são parentes, assim não importa se brasileiro ou argentino, por exemplo, pois todos fazem parte de um todo a América, assim o indígena não é visto pelo Cacique com as barreiras de separação de Estados Políticos. O processo relaciona “são” interliga duas entidades nacionais, como na linha 87 em que diz que os verdadeiros americanos são seus parentes, parentes dos indígenas. Corroborando a idéia de serem os verdadeiros homens das terras em que habitam.

Concordâncias com “Guarani”

91 sempre já fazia essa caminhada quando os
Guarani aonde os Guarani fizeram caminhada né os
92 essa caminhada quando os Guarani aonde os
Guarani fizeram caminhada né os líderes espiritual como
93 pra nós sempre é muito pra nós
Guarani pra nós ir lá no Paraguai na
94 lá em Bolívia onde ta nossos parentes
Guarani então pra nós não tem fronteira né
95 porque na mata atlântica né existe mais
Guarani do estado de São Paulo os Guarani
96 Guarani do estado de São Paulo os
Guarani do estado do Espírito Santo , rio
97 sul na mata atlântica onde tem mais
Guarani e nas mata atlântica então eles vai

Nas ocorrências acima com o nódulo “Guarani”, tem-se a questão ainda de nação e identidade indígena, o Cacique se utiliza do léxico “Guarani” para falar de questões referentes a demarcações de nação, de estado, de fronteira. Na linha 91 e 92 o Cacique menciona “caminhadas”, nas quais o seu povo entra em contato com seus parente de outras localidades, mas que são todos “Guaranis”, assim reforçando a idéia do vínculo indígena sobre a nacionalidade.

Ao usar o termo “Guarani”, o Cacique constrói uma idéia de facilidade de acesso a outras nações como Paraguai, Bolívia, e a outras localidades distantes, como São Paulo e Espírito Santo, construindo uma visão de povo unido, sem separatismo, nem mesmo por distâncias geográficas, pois o laço de nacionalidade Guarani é muito mais forte.

Essas questões podem ser revistas na linha 94, em que o Cacique menciona abertamente que para “nossos parentes Guarani então pra nós não tem fronteira”, assim o seu povo não se resume a sua aldeia, mas a todos os Guaranis que na verdade são seus parentes, não por traços de consangüinidade, mas por traços culturais, o que caracterizam um povo.

3.2.2 Cultura

Aqui se abordará os nódulos “nós” e “Guarani”, que aparecerão nas abordagens discursivas em torno da cultura e seus elementos de associação ao povo Guarani.

Concordâncias com “nós” mais auxiliar “tamo” mais processo material “lutando”

98 né que nem nois Guarani aqui agente
nós tamó lutando também pra conseguir a educação
99 conseguir uma educação diferenciada . até hoje
nós tamos lutando aí pra é né quando

Ao usar o léxico de referência “nós” em combinação com o auxiliar “tamo” e o processo material “lutando”, o Cacique constrói uma visão de busca por

Vê-se valores culturais associados ao nódulo "Guarani", também nas linhas 91 e 92, já abordadas, referindo-se a caminhadas, que de acordo com as conversas formais e informais entre informante e pesquisadoras é um hábito do povo Guarani, que tem desejo por liberdade e por contato com a natureza, como já demonstrado em outros momentos desta análise.

3.3 A visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem branco

Neste item será considerada a terceira pergunta de pesquisa: o que o Cacique fala sobre o homem branco. Fez-se novamente a análise das palavras que contem um sentido semântico relacionadas a esse tema que são:

- Lei;
- Direito
- Projeto
- Ele(s)

Os temas a serem discutidos foram agrupados em quatro conjuntos, a saber: o homem branco e sua relação com a lei; o homem branco e os direitos indígenas; o homem branco e sua administração; e o homem branco e o índio.

3.3.1 O homem branco e sua relação com a lei

Na visão de mundo que o Cacique faz do homem branco um dos assuntos tratados é lei. Por meio desse assunto pode-se verificar a imagem construída do homem branco sob diferentes assuntos.

Concordância com "lei"

108 tava dizendo porque que existe só uma
lei se existe uma lei quando um fazendeiro
 109 existe só uma lei se existe uma
lei quando um fazendeiro uma empresa quando vai
 110 rio pra essas pessoas não tem uma
lei parece que o dinheiro o dinheiro vai
 111 e fala alto mais do que a
lei né então isso que pra nois ontem
 112 hoje ontem agente tava dizendo sobre as
lei do meio ambiente né as lei existe
 113 as lei do meio ambiente né as
lei existe que você não pode cortar madeira
 114 pessoa vai ficar impune mesmo tendo essas
lei né então tudo isso foram discutida ontem
 115 e hoje agente vê que existe uma
lei que garante . () tamo tantando

As linhas de concordância de 108 a 111 mostram que o Cacique encara o homem branco como um contraventor das próprias leis que criam. Para ele o homem branco não demonstra respeito pela natureza. A análise detalhada de cada uma das linhas de concordância tornará essa observação mais visível. O Cacique fala da criação de leis, pelo próprio homem branco, para a proteção ambiental, no entanto o próprios criadores desrespeitam essas leis .

Nas linhas 108 e 109 o homem branco é representado pelo fazendeiro e pela empresa. Esse fazendeiro, citado pelo Cacique é um contraventor da lei, conforme se observa no exemplo que segue de numero 28.

(28) [...]existe só uma lei se **existe uma lei quando um fazendeiro uma empresa** quando vai destruí uma mata mata um rio e polui todo um rio pra essas pessoas não tem uma lei[...]

Ainda relacionado à idéia de preservação da natureza pelo homem branco e as leis tem-se as seguintes concordâncias:

Na seqüência das linhas de concordância 112 a 115, nota-se o Cacique falando sobre as leis ambientais. Nas linhas 112 e 113 embora o Cacique não fale diretamente do homem branco ele inicia uma série argumentativa para fazê-lo. Já

na linha 113 ele diz que existe uma lei que não permite o corte da madeira “as lei existe que você não pode cortar madeira”. Na linha 114 pode-se notar que ele fala de impunidade “a pessoa vai ficar impune mesmo tendo essas lei”. A pessoa sobre a qual o Cacique fala é, mais uma vez o homem branco. Dessa forma o Cacique traça aqui a argumentação que comprova que o homem branco transgredir as leis referentes à natureza e assim agride o meio ambiente. O exemplo 29 seguir mostra isso.

(29) [...]né as **lei existe que você não pode cortar madeira** você não pode matar uma caça se não pode né mais pra fazer uma devastação fazer uma destruição da mata aí pode né ontem nois tava discutindo bastante isso aí quando um se for um uma pessoa humilde que mata uma caça ele não tem dinheiro mesmo pra comprar então ele vai lá e mata uma caça pra dar alimento pros filho dele aí o IBAMA vai lá e toma toma tudo e os grandões que vai lá e derruba mata cata tudo **essas pessoa vai ficar impune mesmo tendo essas lei** né

Para o Cacique está claro que o homem branco não cumpre as leis referentes ao meio ambiente como observado na linha 115 e no exemplo 29. Segundo o Cacique a impunidade é uma certeza diante dos delitos cometidos pelo não índio, como em “essas pessoa vai ficar impune mesmo tendo essas lei” retirado da linha 114. Lançando mão do contexto da entrevista, nota-se no exemplo 29 que ele acredita que a punição do homem branco está associada à condição social dele e não ao delito por ele cometido.

Observa-se que o homem branco além de não cumprir leis relativas ao meio ambiente se deixa corromper pelo dinheiro – “o dinheiro fala mais alto” linha 110 e 111- atribui-se ao dinheiro uma ação humana representada pelo processo verbal “fala” que tem um significado simbólico sobre o qual fala Halliday (1994), por esse motivo o participante não precisa ser humano como acontece aqui, o participante do processo verbal fala é o dinheiro.

responsabilidade pelos problemas pelos quais os índios passam é do homem branco, por lhes sonegar os direitos e a dignidade.

Na linha 118, o Cacique apresenta uma reivindicação, pois ao traçar uma comparação entre o índio e o homem branco, desabafa que eles - o povo indígena - têm, ou deveriam ter, os direitos que o homem branco tem, como se vê em “amostrar lá fora também que nós temo **direito** da forma que eles tem direito” na linha 118. Como já mencionado neste capítulo o pronome nós inclui o índio e o seu povo, enquanto eles remete ao não índio, que nesse caso é de quem se fala, o homem branco. Essa idéia vai ser ratificada na linha 119.

Na linha 121, ao usar o item lexical “se” o Cacique reforça a idéia de que o homem branco não respeita o direito do seu povo, esse homem branco é representado nessa parte do discurso por “autoridade brasileiro”, que conforme já foi visto em outro momento dessa discussão é o não índio, pois o seu povo é considerado Guarani, e não brasileiro, assim se estivesse falando de uma autoridade de seu povo provavelmente falaria em autoridade Guarani, como se vê em “os autoridade brasileiro se reconhecesse o nosso **direito** da forma que nós entendemos”, linha 121. Assim, para o Cacique o entendimento a cerca do direito é diferente entre seu povo e o homem branco.

3.3.3 O homem branco e sua administração

Concordância com “projeto”

124 ter no estatuto do índio ou num
projeto de lei eles nunca querem aceitar né
125 porque o governo brasileiro não faz um
projeto para esses é esses povo que vive
126 mata oferece a natureza oferece faz um
projeto de árvore frutífera algumas coisa possa garantir
127 5a . porque não foi aprovado esse
projeto nois mandemo pro sedu , do sedu
128) é que agora estamos acompanhando outro
projeto esse projeto que eu falei vai começar
129 que agora estamos acompanhando outro projeto esse
projeto que eu falei vai começar dia 9

130 então agente nós tamo acompanhando também esse
projeto de meio ambiente como vai ficar né
131 passado para o estado pra que os
projeto né então agente ta querendo pegar uma

De maneira geral, nessas linhas de concordância, o Cacique constrói uma visão de que o homem branco não apóia os projetos indígenas, nem cria projetos que resguardem coisas preciosas na visão do índio, como natureza e o meio ambiente. Nas linhas 124 e 125, o Cacique afirma que eles – os não índios – não querem aceitar os projetos, e que o governo não faz projeto para o povo que vive na mata.

Retomando o contexto da entrevista, quando o Cacique fala na linha 126, sobre projeto de árvore frutífera, se refere ao problema da fome, que na sua visão é simples de ser resolvido, basta plantar árvores que dêem frutas, no lugar de árvores que sob sua perspectiva agredem o solo. Na linha 127 o Cacique volta a falar de projeto não aprovado pelo branco, dessa vez ligado à educação, pois é a SEDU- Secretaria de Educação, quem rejeita.

Na visão que o Cacique constrói do homem branco, aparece uma certa desconfiança quanto à forma de administrar dos líderes brancos, pois como ele menciona nas linhas 128,129, e 130, os projetos têm que ser acompanhados por ele, como pode se ver em “então agente nós tamo acompanhando também esse projeto de meio ambiente como vai ficar né” linha 130.

3.3.4 O homem branco e o índio

Concordância com ele(s)

132 do índio ou num projeto de lei
eles nunca querem aceitar né então isso que
133 espírito santo existia um celso perota que
ele sempre negava que aqui no estado do
134 que nois temo direito da forma que
eles tem direito quanto nois que somos autêntico
135 aqui é lógico que existia por aqui
eles negava tudo eu tenho até um documentário

Considerações Finais

Esta pesquisa, em análise do discurso contou com um corpus de entrevistas em português que totalizou 21.453 palavras e, teve com objetivo analisar as visões de mundo que o Cacique Guarani de uma aldeia de Aracruz constrói sobre si mesmo, sobre o seu povo e sobre o homem branco. Para tanto utilizou-se como suporte teórico a GSF proposta por Halliday (1978,1994) e seus seguidores Hassan (1994) e Thompson (1998). Para tanto levou-se em conta as três perguntas de pesquisa levantadas na introdução e na metodologia deste trabalho e que são agora retomadas.

- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo?
- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo?
- Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem branco?

Levando-se em conta cada uma das perguntas acima os resultados, levantados a partir de uma investigação computacional do léxico mais freqüente que caracteriza a fala desse cacique indicaram que:

- para a primeira pergunta de pesquisa observou-se que o Cacique contrói para si uma imagem positiva, ele vê como um líder que defende os direitos do seu povo. No item 3.1 da análise de dados discutiu-se esse assunto levando conta como o Cacique se vê em relação ao seguintes aspectos: negociador político; preservador da natureza; líder e integrante de uma nação e defensor da educação diferenciada.

- E no que diz respeito à construção da sua imagem levando em conta o seu papel de negociador político o Cacique se vê como realmente como representante de seu povo. Esse fato pode ser constatado com a análise do nóculo “agente” que indicou que ele fala em nome da aldeia além de se incluir nele. A análise indicou ainda que o Cacique se vê como um sujeito disposto a negociar com autoridades brancas. O nóculo “agente” combinado com os “podemos”, “pode” e “não pode” expressando significados de modulação o Cacique mostrou isso como exemplificado na linha de concordância abaixo.

agente podemos é eu até falei lá **agente** podemos sentar com deputados
senadores algumas pessoas

Pode-se notar que as escolhas lingüísticas do Cacique expressam relação de poder, pois ao usar itens lexicais que expressam significados de modulação o Cacique indica a sua predisposição para praticar uma determinada ação que não necessariamente faça parte das suas obrigações, como por exemplo negociar com o homem branco. Quando a escolha é pelo modal “pode” é precedido por não, “não pode” pressupõe-se que o assunto a ser abordado já é de conhecimento prévio do povo, como por exemplo valores que devem ser respeitados pelo povo “não pode matar” e “a história que não pode acabar”.

Ele se vê não apenas como um preservador da natureza, mas também como aquele que tem a obrigação de perpetuar esses valores, a forma lingüística utilizada para esse fim é a modulação alta representada pelo “tem que” para indicar que essa é uma obrigação de todos conforme observado na linha de concordância abaixo.

porque já tem esse restinho aqui ,
agente não pode matar , tem que preservar

Na seqüência apresentou-se como subtópico a visão que o Cacique constrói sobre si mesmo como líder e integrante de uma nação. Para tanto se analisou,

entre outras, a ocorrência do nódulo “agente” com os processos verbais “fala”, “falamos”, “dá ordem”, “chama”, “dá conselho” e “conta”. O uso dos processos verbais pelo Cacique é indicativo de que ele se vê não apenas como membro da nação mas como também aquele que repassa ensinamentos aos outros integrantes da nação de modo que a cultura indígena prevaleça. Pode-se observar ainda que o Cacique se inclui nesse agente o que permite ao interlocutor inferir que ele se sente, de fato, membro dessa aldeia.

Finalizando a visão de mundo que o Cacique constrói sobre si mesmo levantou-se o tópico defensor da educação diferenciada, que está prevista em lei. Nesse tópico observou-se que esse é um dos direitos pelos quais o Cacique luta. As linhas de concordância a seguir ilustram isso.

aldeia né , nem na área da
educação o artigo é 210 né , que
nós tamo lutando também pra conseguir a
educação diferenciada né , então já quando agente

Para o líder indígena a educação diferenciada é bastante representativa no que diz respeito a manutenção da cultura de seu povo, entretanto essa educação diferenciada, segundo ele, somente terá valor se as diretrizes dessa educação forem dadas pelos próprios índios. O Cacique diz ser um lutador no que tange a educação diferenciada conforme indicado na concordância abaixo:

nós tamo lutando também pra conseguir a
educação diferenciada né , então já quando agente

Quanto a segunda pergunta de pesquisa Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o seu povo? os resultados indicaram que o Cacique também constrói uma visão de mundo positiva. Na análise de dados verificou-se duas categorias de análise para se chegar aos resultados obtidos. A primeira foi nacionalidade e a segunda foi cultura.

O nóculo analisado nesse item foi o “nós” combinado com os processos relacionais “são”, “somo”, e combinado também com o nome da nação tupi-Guarani e Guarani, além da análise do nóculo “Guarani”. A análise do nós e suas combinações indicou que o Cacique o encara o seu povo como sendo os legítimos donos da terra e os detentores dos conhecimentos necessários para cuidar dela , como mostra o exemplo a seguir.

nós somos os sabedores de como arrespeitar a né . área de meio ambiente e

A análise do nós Indicou ainda que para o seu povo não existem fronteiras, porque eles fazem parte do universo Tupi-Guarani e não do universo proposto pelo homem branco com divisões por estados ou países. Essa visão é corroborada ao se analisar o nóculo “Guarani” e “nós” combinado com o processo relacional “são” pois essa combinação indicou que o Cacique vê o seu povo como um conjunto não aceitando as fragmentações nacionais como argentino ou paraguaio, para ele o seu povo é Guarani e isso independe da localização desses índios.

No que tange a cultura, os resultados foram obtidos por meio da análise do nóculo “nós” mais auxiliar “tamo” mais processo material “lutando” e o nóculo “Guarani”. No primeiro caso o resultado obtido indica que o Cacique constrói uma visão de mundo do líder que busca por elementos que reforcem a sua cultura. A escolha do processo material “lutando” associado ao nóculo “nós”, reforça a idéia de interesse coletivo.

Finalizando a análise buscou-se responder a terceira pergunta de pesquisa que foi Qual é a visão de mundo que o Cacique constrói sobre o homem branco? Para tanto levantou-se os seguintes subtópicos: o homem branco e sua relação com a lei; o homem branco e os direitos indígenas; o homem branco e sua administração; e o homem branco e o índio.

No primeiro subtópico, o homem branco e sua relação com a lei, analisou-se o nódulo “lei”. Assim foi possível verificar que o Cacique constrói uma visão negativa do homem branco, para ele o homem branco é um contraventor das próprias leis que criou. Na análise usou-se como exemplo a questão ambiental, segundo o Cacique o homem branco não respeita as leis ambientais. Além disso essas leis parecem, ainda segundo Cacique, funcionar para apenas algumas pessoas e não no caso de outras como se vê nas concordâncias abaixo:

tava dizendo porque que existe só uma
lei se existe uma lei quando um fazendeiro
existe só uma lei se existe uma
lei quando um fazendeiro uma empresa quando vai

No caso do fazendeiro e da empresa, que são os representantes do homem branco, a lei não funciona porque de acordo com o Cacique eles tem dinheiro, surgindo assim uma denúncia por parte do Cacique, apenas quem não tem dinheiro é punido pelos rigores da lei conforme indica a concordância abaixo.

rio pra essas pessoas não tem uma **lei** parece que o dinheiro o
dinheiro vai

Na visão construída pelo cacique a quantidade de dinheiro que o contraventor tem é que vai determinar se o seu delito foi grave ou não.

Na seqüência verificou-se o item O homem branco e os direitos indígenas. O nódulo utilizado para se fazer essa análise foi “direito”. Com ele verificou-se que o cacique vê o homem branco como aquele que não respeita os direitos indígenas. A linha abaixo mostra o cacique dizendo que as pessoas – o homem branco- não dava direito a dignidade indígena conforme a linha de concordância apresentada abaixo.

viu que as pessoa não dava o
direito e também a nossa dignidade que sempre

Além disso, o cacique considera que apenas os direitos do homem branco são respeitados enquanto os direitos indígenas são relegados a um segundo plano. A linha abaixo demonstra esse fato.

temo direito da forma que eles tem

direito quanto nós que somos autêntico nós temo

Um outro item levantado para se mostrar a visão que o cacique constrói sobre o homem branco foi como a administração é vista. A análise do nóculo projeto indicou que o cacique, mais uma vez, vê o homem branco de forma negativa. Os projetos indígenas não são aceitos pelos órgãos que são representados pelo homem branco. A linha abaixo ilustra esse fato:

do índio ou num projeto de lei

eles nunca querem aceitar né então isso que

Por fim analisou-se o item O homem branco e o índio. Nele verificou-se, novamente, o confronto existente na relação entre o homem branco e o índio expressos lingüisticamente pelo nós, o agente e o eles. Os dois primeiros sempre usados pelo cacique para falar de si e do seu povo. o ultimo ele(s) usado para falar do homem branco. E mais um vez o cacique atribui ao homem branco a responsabilidade por atos, considerados negativos por ele como por exemplo fazer fronteiras.

Todos esses resultados encontrados são passíveis de inúmeras discussões que podem e devem ser levantadas de modo a suscitar novas pesquisas relacionadas ao assunto. Entretanto as descobertas que ora foram feitas se mostram relevantes uma vez identificaram alguns dos pontos de atrito entre índios e não índios como por exemplo o desrespeito do branco pela natureza, pelas leis e direitos indígenas e o não reconhecimento do índio como sendo o primeiro habitante das terras brasileiras, por isso o verdadeiro dono da terra. Ao se falar

em construção de visão de mundo está se falando de valores que o indivíduo tem e que ele utiliza para mostrar ao outro o que ele pensa e sente.

O trabalho possui algumas limitações. A primeira delas é que o corpus não é suficientemente extenso. Um corpus maior e mais variado poderia alterar os resultados, na medida em que novos temas fossem levantados pelo informante. Isso propiciaria a pesquisa um leque ainda maior de categorias de análise. A segunda limitação diz respeito ao pouco contato das entrevistadoras com o informante o influenciou a primeira limitação, o tamanho do corpus. Por fim, outra limitação foi não ter confrontado a visão de mundo do cacique em relação a ele mesmo, ao seu povo e ao homem branco com a visão de mundo do homem branco também em relação a si mesmo, em relação ao seu povo e em relação ao índio. Talvez esse confronto mostrasse outros pontos de dissonância entre ambos o que tornaria os resultados ainda mais proveitosos. Futuros estudos podem levar em conta essas limitações e transformá-las em alvo de estudo.

Nesta dissertação pretendeu-se levantar alguns questionamentos em relação ao povo indígena além de pretende ter apresentado uma contribuição para a Lingüística sistêmico funcional na medida em que se utilizou essa teoria para comprovar fatos que não estavam aparentes e sim implícitos no discurso do cacique. Além disso, ao focar um tema relacionado ao discurso indígena espera-se ter preenchido uma lacuna importante na literatura.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Alexandre (2005). Revista *A nova democracia*. Ano 4, n.27, Novembro de 2005

BERBER-SARDINHA, T. (2000). *O que é um corpus representativo? Direct Paper 44*. São Paulo, PUC-SP.

_____ (2004). *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da Republica Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4.ed. São Paulo:Saraiva, 1990. 168p. (Série Legislação Brasileira)

BRESSANE, (2000). *Construção de identidade numa empresa em formação*. Dissertação de mestrado, PUC/SP

EGGINS, S. (1994). *An introduction to systemic functional linguistics*. Pinter Publishers, London

Eggin, S. e Slade, D. (1997). *Analysing Casual Conversation*. Cassel, London.

HALLIDAY, M. A. K. 1978). *Language as social semiotic*. Edward Arnold.

HALLIDAY, M.A.K & HASAN, R. (1989). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2nd edition. Deakin University Press/ Oxford University Press

_____ (1973). *Explorations in the Functions of Language* (Explorations in Language Study). Peter Dough and Geoffrey Thornton (Series Editors). London & Illinois: Edward Arnold.

_____ (1989). *Spoken and Written Language*.OUP. Second Edition.

_____ (1991). *Corpus studies and probabilistic grammar*. In K. ALJMER e B. ALTERNBERG (eds.) *English corpus linguistics*. Longman.

HALLIDAY, M.A.K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold, London

HOORNAERT, Eduardo & PREZIA Benedito (2000). *Brasil indígena: 500 anos de resistência*. São Paulo: FTD.

JECUPÉ, Kaka Werá. (1998). *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. 3 ed. São Paulo: Peirópolis.

JUNQUEIRA, Carmem(2002). *Antropologia indígena: uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil*. São Paulo: EDUC.

LIMA-LOPES, R. (2001). *Estudos de Transitividade na Língua Portuguesa: O Perfil do Gênero Cartas de Vendas*. Dissertação de mestrado PUC/SP

MALDE, Denise (1997). *De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX*. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 1997, V. 40 nº2.

MALINOWSKI, B. (1923). *The problem of meaning in primitive languages*. IN: C.K.

_____ (1977). *Diário no Sentido Estrito do Termo*. Record, Rio de Janeiro,

MATTHIESSEN, C. (1995). *Theme as an enabling resource in ideational 'knowledge' construction*, In M. Ghadessy (ed.), *Thematic Development in English Texts*, London, Pinter, pp. 20-54.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. (1999). *The system of TRANSITIVITY: An exploratory texbased profile*. *Functions of Language*, 6(1):1-51.

NUNAN, D. (1992). *Research Methods in Language Learning*. Cambridge University Press, Cambridge

RAMOS, R.C.G (1997). *Projeção de imagem através de escolhas lingüísticas: um estudo no contexto empresarial*. Tese de Doutorado. PUC-SP.

RIBEIRO, Darcy (1996). *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.

SOBHIE, M. T.B.(2003). *Linguagem e Marketing industrial: Interação em prospecto*. Dissertação de mestrado. PUC- SP

SANTOS, V. B. M. P. (1996). *Padrões interpessoais no gênero de cartas de negociação*. Dissertação de Mestrado, LAEL - PUCSP.

SANTOS, V. B. M. P. (2002). *O perfil das comunicações internas escritas de uma empresa brasileira: um estudo de caso sobre o contexto de produção e as realizações discursivas em locais de trabalho*. Tese de Doutorado, LAEL - PUCSP.

THOMPSON, G. (1996). *Introducing functional grammar*. Edward Arnold.

THOMPSON, G. (1998). *Introduction to Functional Grammar*. Arnold, London

THOMPSON, G. e THETELA, P. (1985). *The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse*. *Text*, 15(1):103–127.

ANEXOS

ROTEIRO INICIAL DA ENTREVISTA

Vocês contam histórias para as crianças?

Quem conta?

Eles gostam?

Quais historia se contam para eles?

Tem dia certo para se contar essas historias?

Pedir para contar historias.

Uma das Entrevista com o Cacique da nação Guarani

EM Como foi a reunião

IN Foi tudo bem a primeira vez.

EM o telefone que você me deu não atendeu.

IN É otro, eu acho que é otro.

EM nós viemos falar sobre o mesmo assunto da vez passada...

IN Aquela mesma coisa de de leis.

EM isso mesmo

IN (Fala em Guarani). É porque né, existe o que eu já falei, porque hoje fica muito complicado alguns decretu, algumas coisas que é feito governo estadual, municipal. Isso que pra nós é uma coisa que prejudica o desenvolvimento que agente que de dentru das aldeia né, nem na área da educação o artigo é 210 né, que fala sobre educação né tudo isso as veze a lei maior que a constituição brasileira garante que cada aldeia a os povos INDígena tem o seu direito de ter o seu costume na área de educação né, como se organizar como ter uma educação né própria da suas aldeia né que nem nós guarani aqui agente nós tamo lutando também pra conseguir a educação diferenciada né, então já quando agente vai na universidade fala que o estado né, o estado não tem verba pra isso né quando agente vai no município, no município fala que é isto é muito complicado é difícil de conseguir uma educação diferenciada. Até hoje nós tamos lutando aí pra é né quando pela Constituição

Brasileira então agente tá indo correndo atrás pra nesse Governo agora vem se nós consegue uma coisa a mais.

EM Como? Vocês tem isso escrito?

IN Nós temos todos documentário que agente fizemos, aí então é sempre dá a diretriz da educação diferenciada né e tudo isso agente tem tudo escrito e então hoje envolve muitas coisas envolve muito muito muito setores aí que fala quando agente quer fazer nós mesmo só o povo indígena quando que o povo indígena vai segue a busca do seu objetivo quando as comunidade indígena vai buscar o seu objetivo aí fala que tem que autorização da FUNAI, outro fala que não, no estado não tem uma lei que garante sobre isso né sempre isso vem atacando agente né então mais só que agente vai mais só com o direito que está garantido no artigo 231, 232.

EM De onde ?

IN Da Constituição Brasileira.

I

EM E o estatuto do índio

IN Então é como né o que porque em 73 né tinham o estatuto do índio né que até agora não o estatuto do índio não foi aprovado ainda né.

EM ainda não? Por quê? Isso atrapalha?

IN Então disse fala que pra ter um qualquer tipo de trabalho que possa está buscando o recurso da do é a as professora tem que fazer concurso público né então tudo isso é porque agora pra nós não é difícil mais só que quem quem estava negando todo esses direito é era o próprio os governante antes os anteriores né os governantes que vinha governando esse país agente viu que as pessoa não dava o direito e também a nossa dignidade que sempre negado a o próprio autoridades então hoje tão nós querendo amostrar lá fora também que nós temo direito da forma que eles tem direito quanto nós que somos autêntico nós temo mais direito de que essas pessoas de que está destruindo toda a natureza né nós que nem ontem mesmo tava dizendo no encontro lá que aconteceu lá em Vitória lá em Viana tava dizendo porque que então eu tava dizendo se hoje se hoje a população não não os povos indígenas a mais a população brasileira né a sociedade brasileira cada estado cada município pra fazer uma coisa mais correta todos tem que participar né e se não tem a participação hoje é não vai ser não vai ser umas coisa boa na se todo mundo tiver opinião ali pra falar pra ver a forma como que poderia ser feito alguns projetos pode ser projeto de lei um projeto q eu possa um saneamento básico pra povo que precisa as comunidade que

precisa aí então se existe uma lei agente podemos é eu até falei lá agente podemos sentar com deputados senadores algumas pessoas que são responsável nesse projetos então uma coisa que que nem quando agente fala do artigo 231 e 232 esses artigo poderia estar é poderia ser quando na prática mesmo pra ser praticado diz que tem que ter o estatuto do índio.

EM Quem vê se os direitos de vocês estão sendo respeitados ou não?

IN Eu mesmo sempre acompanho também sempre vou lá no Congresso Nacional então nós temo pessoal representante então ta sempre acompanhando e nós sempre ta bem agente ta tamo discutINDo também o estatuto do índio o primeiro estatuto do índio que foram feito sempre era favorável os grandes empresário né pra ter mais destruição nas área INDígena né isso pra nós aí depois por si a FUNAI e outras entraram no meio para uma comissão dos povos INDígena a nível nacional conseguimos melhorar não muito porque se agente colocasse todas as coisa que nós gostaria de ter no estatuto do índio ou num projeto de lei eles nunca querem aceitar né então isso que pra nós fica mais se a população que nem aqui na Universidade Federal do Espírito Santo existia um Celso Perota que ele sempre negava que aqui no estado do Espírito Santo existia índio falava que não existia sempre então aqui é lógico que existia por aqui eles negava tudo eu tenho até um documentário aí né então é uma coisa que depois de 88 depois de 89 fizemo alta demarcação e aINDa foi difícil ter essa área demarcada.

EM E ele falava que era o quê?

IN Falava que era caboclo

EM Essa área é demarcada?

IN A área aqui agora é demarcada.

EM Vocês sempre viveram aqui?

IN Porque pra nós nós não tem fronteira num agente num pra a diferença a as nossas comunidade INDígena guarani sempre tINham articulação sempre fazia camINHada os religiosos pra nós até na América do Norte até no Canadá pra nós não é não existe não agente não pode dizer que é não é outro País é outra terra não existe isto pra nós porque Deus quando criou essa terra aqui não dividiu assim esse aqui é Brasil, ali Uruguai, ali é isso é somente ideologia dos classe domINante que fizeram, essa divisão das fronteira eles colocaram fronteira pra querer domINar toda a parte das terra então isso pra nós pra nós povos INDígenas se eu dizer perguntar a mesma pergunta que fizeram pra mim antes de nós viver aqui no Brasil vocês já vivia aqui no Brasil então é isso que eu sempre pergunto

também né se vocês vivia aqui a aldeia já era aqui isso é uma pergunta muito sem fundamenta então eu sou cacique sou liderança é eu faço parte dos líderes INdígenas guarani né meu irmão entregou um cargo pra mim agora ele é pajé então quer dizer eu sempre já fazia essa camINHada quando os guarani aonde os guarani fizeram camINHada né os líderes espiritual como a mINha vó né fizeram a camINHada aonde ela passou hoje existe as aldeias então pra nós sempre é muito pra nós guarani pra nós ir lá no Paraguai na ArgentINA ou lá em Bolívia onde ta nossos parentes guarani então pra nós não tem fronteira né se nós quiser ir lá foi os é INglês né não os americano os americano verdadeiro são nossos parentes que vive lá naquela terra naquela terra autêntico americano nós também somo os americano mais americano do sul então quer dizer todos os povos INdígena quando agente vim ou ir pra outras aldeia é depois da fronteira né nós quando nós vamo lá nós somo eu mesmo eles são brasileiro nós somos brasileiro ele são brasileiro se essa terra é Brasil se é americano ou América América são tudo brasileiro se é argentINO se for então é argentINO se é Paraguai é tudo Paraguai daqui até o norte. Então tudo isso se o povo brasileiro se os autoridade brasileiro se reconhecesse o nosso direito da forma que nós entendemos da forma que nós reclamamos eu acredito que os autoridades brasileiro tava certo tava acertando a forma de ser como autoridade brasileiro porque hoje né que nem hoje agente vê ontem e hoje ontem agente tava dizendo sobre as lei do meio ambiente né as lei existe que você não pode cortar madeira você não pode matar uma caça se não pode né mais pra fazer uma devastação fazer uma destruição da mata aí pode né ontem nós tava discutINDo bastante isso aí quando um se for um uma pessoa humilde que mata uma caça ele não tem dINheiro mesmo pra comprar então ele vai lá e mata uma caça pra dar alimento pros filho dele aí o IBAMA vai lá e toma toma tudo e os grandões que vai lá e derruba mata cata tudo essas pessoa vai ficar impune mesmo tendo essas lei né então tudo isso foram discutida ontem será que o índio índio agente tava lembrando lá de porque na Mata Atlântica né existe mais guarani do estado de São Paulo os guarani do estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sã o Paulo, Paraná, Santa CatarINA e Rio Grande do Sul na Mata Atlântica onde tem mais guarani e nas Mata Atlântica então eles vai lá corta palmito né vai lá e vende e compra alguns alimento pra ele comer alguma coisa porque então isso também é uma coisa que nós achamos assim se o IBAMA acha que isso é errado porque o governo brasileiro não faz um projeto para esses é esses povo que vive dessa mata aí que vive das coisa que essa mata oferece a natureza oferece faz um projeto de árvore frutífera algumas coisa possa garantir a sobrevivência daquele povo que vive naquela mata foi isso que nós tava discutINDo ontem.

EM E foi falado sobre o quê?

IN A sede da Mata Atlântica junto com outros projeto que foi feito é então é falamo muito de ecossistema né porque hoje muitas veze algumas pessoa só vejam um lado só então pra melhorar mesmo todo mundo tem que abraçar uma causa que possa trazer bem estar para todos né.

EM A prefeitura ajuda vocês?

IN Então agente iria nós fomo nós fomo numa pessoa que faz parte do Subnúcleo da Educação né ela é uma coordenadora e tem os coordenadores que são tem um guarani e três tupINiquim. Então eu faço parte também mais pra acompanhar né nós fomo lá na Universidade as pessoa lá que são responsável não aceitaram nossa proposta não aceitaram e nem queria receber o documento o relatório que agente deixamo lá então o Secretário até falou alto com agente não então agente falamo que não ta destruINDo, não tamo INvadINDo, não tamo roubando, agente ta buscando o direito da gente então é esse dia tINha o Diretor lá da Universidade também foi semana passada teve uma reunião então agente tem Subnúcleos da Educação aí na área da Educação são discutidu tudo nessa reunião.

EM Tem alguém em Aracruz que ajuda vocês?

IN Faz parte é a Zélia lá de Aracruz

EM da prefeitura?

IN Da Prefeitura. Então mais ela é a pessoa que ta indo com agente.

EM Nós podemos ter acesso a esses documentos?

IN Bom eu acredito que se for procurar agente consegue agente tem umas cópia mais é bom pegar uma com ela né é porque ela vai perguntar se agente autorizo pega uma cópia com ela, ela vai pergunta.

EM Se ela nos tudo bem então?

IN Sim pode pega.

EM Tem outro telefone para falar aqui?

IN Você pode anotar aquele otro telefone.

EM E sobre a educação indígena?

IN Bom esse projeto que é mais alto mais a nível superior também então esse é a educação de língua, contINua mesmo de 1a. a 4a. né então aí tem as professoras da comunidade mINha sobrINha, meu sobrINho.

EM A eh?

IN Sim, então elas dá aula, ensINA a escrever em Guarani e Português.

EM E ela ensina primeiro o português ou o Guarani?

IN Guarani primeiro.

EM Tem até que série?

IN É porque agente não conseguimos aINDa de 5a. porque não foi aprovado esse projeto nós mandemo pro SEDU, do SEDU nós mandamos pro MEC. MEC não aprovou né então até esse dia agente tava querendo formar uma comissão pra ir até em Brasília né pra gente vê se consiga falar com os pessoal responsável lá em Brasília né.

EM Quando vocês vão resolver esse problema?

IN É que agora estamos acompanhando outro projeto esse projeto que eu falei vai começar dia 9 a 11 lá em Ibiracú, consegui uma vaga pra mim participar né então é então agente nós tamo acompanhando também esse projeto de meio ambiente como vai ficar né porque o recurso seis milhões e meio de dólares que foi passado para o estado pra que os projeto né então agente ta querendo pegar uma parte pra a gente pelo meno as comunidades INDígenas tenha melhores desenvolvimento também né. Área de meio ambiente e nós somos os sabedores de como respeitar a natureza e como tratar a natureza então tudo isso esse projeto pode estar também beneficiando a nossas comunidade por isso então eu também to acompanhando isso né então a partir do dia 11 pra lá agente podemos é poderia se passar por aqui agente podemos ir até lá onde fica...
dia 11 que termINA.

EM Por que é importante uma escola só para os índios?

IN Porque as criança talvez as menINA né os rapaze quando vai estudar lá fora hoje em dia corre muito risco então agente queria uma escola dentro da área INDígena se tiver uma escola os guarani pode ir lá e os próprio tupINiquim , os guarani lá via ter uma escola própria dentro das áreas INDígenas então aí não é as pessoa não vai se deslocar pra ir na cidade estudar aí fica mais fácil de como ter um regulamento né porque lá fora quem regula é os pessoal lá fora nas aldeia agente tem como controlar né as escolas que agente estudemos que a educação diferenciada esse governo anterior não gostava que tivesse duas culturas aqui no Brasil, então isso nós passemos e hoje agente vê que existe uma lei que garante.

EM E a Universidade Federal? Já tentaram falar com alguém lá para ver se conseguem alguma coisa?

IN Tamo tantando pra colocar alguma pessoa lá na universidade tem mais umas, duas veze que nós fomo lá até que mau mau nós entramos lá e aINda bem que tem umas pessoa lá na universidade que tem boa idéia, então é boa idéia (risos) que tão ajudando também né.

EM de quem é a obrigação de cuidar dos filhos?

IN É porque nós tupiguarani, primeiro são os pais e a mãe que são educadores né, primeiro seria avó, porque toda sabedoria que o avô tINha sempre era passado pra n ois depois o pai e a mãe depois segundo os professora taria ensINando o que se deve saber e todos o dia a aula porque a mãe e o pai não tem como todos o dia ensINar, então aí tem uma hora que agente junta as crianças, fala conta né a realidade de hoje e a maior parte da preocupação que agente tem hoje que hoje em volta das aldeias existe a vila, cidade então, a preocupação que agente tem hoje é de não perder a nossa cultura né, a nossa sistema pra dar contINuidade.

EM E como vocês educam ?

IN É conversando com elas. Então tudo isso é mais oral e na escola ensINa a escrever e ler.

EM E as crianças são levadas?

IN As crianças não são levadas, se a primeira vez fazer, agente fala logo e se fazer, agente dá orde pra fazer uma prova muito rígido, se agente pegar você.

EM E se fizer de novo?

IN Agente vai furar o beijo né, colocar a mão na formiga.

EM Fura com que idade?

IN Fura desde os sete ano.

EM Mudando de assunto. Como é o casamento Guarani?

IN Agente não marco o dia aINda não porque agente vai ter que preparar tudINho. Primeira coisa é uma festa cultural, vai vim os guarani de outros estado, São Paulo, outras aldeia.

EM E pode casar com outros índios e de outras tribus?

IN Outras tribo não é porque é racismo não, é preconceito, porque se por acaso uma pessoa guarani casar com outra tribo que fala a língua diferente né, então, aí pode está criando alguma coisINha com os parente dela né ou parentes dele né, vai pensar que ta falando mal, então, pra não acontecer isso e depois pode até criar problemas. Isso aí também as pessoa de

fora não vai querer, nós temo uma regra, uma lei, se uma lei é se a lei na aldeia não for respeitada pela pessoa que veio de fora não vai ter cabimento, não tem como ficar na aldeia, tem que sair fora.

EM Mas se for Guarani de outro lugar?

IN Pode casar com os guarani, de outras aldeia, muito casaram.

EM E como faz para se conhecer outro Guarani?

IN Quando tem uma festa começa a se conhecer né, aí os pais só que tem que conhecer bem a pessoa, não pode ser, não pode enganar a moça isso que tem que cuidar mais dessa parte que não adiante fazer o casamento hoje, e daqui uma semana ta se separando.

EM E pode se separar?

IN Muito difícil se separar. (cachorro latindo muito alto).

EM Bom e quem cuida quando alguém fica doente aqui?

IN Pessoas doentes de espírito, então não precisa tomar remédio, tem que curar a casa dele, o espírito mau, ta perturbando a pessoa, tem a dança cura que perturba aquela pessoa, faz trabalho de Deus. Religião é guarani, Deus só tem um que criou o céu e a terra (falou o nome de Deus em guarani). Os médico da cidade, o pajé é o médico da aldeia cuida a pajerança, cuida da saúde ajuda a criança a nascer, qualquer outro adoecer e, os pajé é que vai fazer essa parte.

EM E como cura?

IN Com erva, raiz, pó, casca, cipó, pe remédio que faz pra curar as pessoa e também a vez uma pessoa que ta doente assim de espírito aí agente faz, faz e não é remédio assim, já tem que levar na casa de reza. É porque as veze é tem a pessoa que não que algumas pessoa na cidade que fala sozinho, que joga pedra, esses daí são doença de espírito. Então o espírito mau ta perturbando aquela pessoa, então aí, esse aí não precisa de tomar remédio, somente tem que cuidar assim na casa de reza, danças tem uma dança da cura. Então ali é tirar, expulsar esse espírito mau, que ta perturbando aquela pessoa.

EM Qual é a religião de vocês?

Nós temo uma religião. Religião é religião guarani. Não, Deus só tem uma só que criou o céu e a terra porque como agente porque se muito Deus é, pra nós não tem muito Deus pra nós só tem um Deus que criou o céu e a terra.

EM E como é o nome de Deus em Guarani?

IN (fala em guarani) O nome de Deus (fala em guarani). Agora como agente fala é, os branco fala assim, que ceis adora o sol e a lua, não agente pode adorar, eu sei que nós todo que vive aqui na terra, então agente tem que adorar o sol e a lua porque quando Deus fez o mundo, então criou esse sol pra ilumINA, clarea o dia e a lua ela, criou pra ilumINA a noite, mais não fica todo esse tempo escuro. Então é por isso que agente adora, nós todo adora, como um DeuzINho. Agora primeiramente agente adora é Deus Pai que criou o céu e a terra.

EM Aqui tem bicho para caçar?

IN Aqui mesmo aqui não tem, mais lá pro lado de São Mateus, ali tem. Aqui tem paca, tatu, quati, os pássaros.

EM E vocês caçam?

IN Não, não porque já tem esse restINho aqui, agente não pode matar, tem que preservar.

EM Vocês ensinam isso para as crianças

IN EnsINA, agente fala. Quando havê que agente faz reunião aqui das comunidades agente chama as crianças, depois os grande é fala com as criança, conversa, explica pra elas, é assim.

EM E como fazem isso?

IN Explica assim, que é são, assim a história que agente não pode acaba, tudo isso agente fala pra elas, porque como o animalzINho também ela sente, ela sente dor também, e como eles tem também a vida, tal como agente também tem a vida, se alguém também bater na pessoa agente sente dor, então eles também sente dor, se agente machuca ou cortar eles sente dor, então por isso não pode machucar os bichINho, não pode mata, tudo isso agente fala pra eles.

EM Vocês fazem reunião com eles?

IN Aqui de nossa, nossa religião agente faz.

EM E é quando ?

IN Sempre, toda noite agente faz.

EM É ali? (aponta para a casa de reunião)

IN É aquela casa, ali é fechado.

EM Ela fica fechada?

IN Por aqui é somente só pra apresentar uma dança e pra ser é reunião.

EM Como é o nome daquele lugar?

IN Aqui, aqui agente chama é (fala em guarani), como outra nação fala que é Oca. Então aqui agora é diferente, que agente chama (fala em guarani).

EM Para que servem as reuniões ?

IN Bom, reunião é pra dá conselho, o que que nós vão faze daqui pra diante é tudo isso agente fala pras pessoa. Então aí já todo mundo sabe que segunda-feira, vai fazê uma casa ou faze uma limpeza e que o domINGo já vai que agente não precisa e lá chama, não precisa grita, mas todo mundo já sabe. É pra isso que agente faz reunião.

EM E essa reunião com todo mundo acontece quando?

IN É todo sábado, agente faz.

EM Quantas famílias moram aqui?

IN Aqui tem, bom agora tem assim vINte família e todos tem trINta e duas pessoa.

EM Sempre foi só isso?

IN Teve mais, teve umas trINta e cINco família.

EM E por que eles foram embora?

IN Bom eles, é porque aqui primeiramente é aqui é proibido é toma cachaça, é proibido faze forró, então ali quando agente dá conselho, aquele é que vive no forró, aquele que que ter sempre a bebida alcoólica, então aí eles saí porque que contINua bebendo, porque nós, não dá pra te esse problema. Aqui é Boa Esperança (fala em guarani). É agente fala, agente dá conselho pra não faze, porque isso não é bom pra nós, não é bom pra religião de guarani, porque religião de guarani ele tem, eles tem comida escolhida pra eles come, não pode come qualquer comida, comida assim mais típica dos guarani que eles come.

EM E que comida é essa?

IN Aipim, batata, milho fruta, assim essas coisas, feijão também tem, próprio feijão guarani, milho guarani.

EM Você pode me contar uma historia hoje? A vez passada você me contou da lua. As crianças gostam dessas histórias? É você que conta pra elas, ou são os pais? Eu conto

aquele que **IN**teressa ouvi, **IN**teressa sabe a história ele sempre vem. É noite, quando é na casa dele, ali ele sempre conta história, todo mundo sentado.

IN A isso aí tudo agente conta à história. Agora tem uma histor**IN**ha que as crianças gosta também, é história de cachorro do mato e também jiruti. Então eu vou contar essa aí. Então essa história é assim: " Era uma vez, então o cachorro do mato, o jiruti e o sabiá. Então ali, ali o jiruti fez um men**IN**o í lá em cima, no galho, então ali tem dois filhot**IN**hos, ali o cachorro do mato veio, tava com fome, falo assim: o jiruti, me dá um seu filho pra mim come. Aí o jiruti fala assim: a não vô dá porque esse aqui meu filh**IN**ho, aí a cachorra do mato fala assim: se você num dá eu vô subi, eu vô come com você e tudo. Aí o jiruti acredito que ia subi mesmo, aí deu o filhot**IN**ho, pra cachorra do mato, aí cachorra do mato comeu, aí então o jiruti tava chorando, chorando, aí o sabiá chego ali e pergunto pro jiruti: Por que que você ta chorando? Aí jiruti fala assim: eu to chorando é porque é chego aqui é cachorro do mato, pediu meu filh**IN**ho pra come e disse que seu num desse ia subi ia come eu e tudo. Aí eu deu meu filho pra não me come. Aí o sabiá fala assim: Puxa vida, ele não sobe em árvore, ele tava falando mentira pra você, só pra dá seu filh**IN**ho que ele falou isso. Então, aí o sabiá falou assim pro jiruti: quando ele vié de novo, si ele pedi di novo o seu filho, você fala não v ou dá e se ele fala com você que agora vou subi e come você e tudo. Então aí você fala assim, agora não dou mesmo, porque você não sobe em árvore, você conta mentira, você ta me enganandu. Você fala assim pra ele, então se pergunta quem falo isso, aí você fala que sabiá falo pra mim que você não sobe em árvore. Então ta bom, Aí daqui mais um dia apareceu denovo, aí cachorro do mato chega ali: o jiruti me dá seu filho. Aí ele fala assim: agora não vô dá. Aí cachorro do mato fala assim: se você não dá eu vô subi , eu vô come com você, você e tudo. Aí fala assim: é ouvi dize que você não sobe, que ta me enganandu, só pra joga o meu filho pra você, que você ta falando isso. Aí ele fala assim: quem falô? Aí, foi sabiá que falo que você não sobe nem, é nem um pouqu**IN**ho. Aí onde o sabiá mora? Sabiá mora lá perto da lagoa que tem um, tem um árvore ali, árvore seca. Ele sempre canta aí. Então aí o cachorro do mato foi pra lá. Quando chega ali então o sabiá tava cantando assim, dançando em cima do galho, aí cachorro do mato chego e falo assim: o sabiá puxa vida, você ta cantando bunito mesmo, puxa eu quero vê você dança pert**IN**ho de mim. Só pra pegar ele. Então aí, sabiá tava cantando, dançando. Aí cachorro do mato falo assim: puxa vida eu gostei do seu canto, quero vê você cantando mais pert**IN**ho de mim, fechando os olhos, dançando. Então ali, sabiá ficou assim é: ele se engano, penso que era verdade que tava falando pra ele, aí dançando ali, pulando, fechando os olho. Então ali um pouqu**IN**ho cachorro do mato pego o sabiá, aí pego sabiá e foi levando na boca dele. Aí foi passando pert**IN**ho de duas moça que tava lavando ropa ali. Então ali, o sabiá tava na boca do cachorro do mato, mas tava vivo, num mato a**IN**da, tava querendo leva pro filho dele come. Aí então o sabiás falo assim: Vamo passar pert**IN**ho lá onde as duas moça lavando ropa, se ele fala: puxa vida o cachorro do mato ta levando um sabiá bunit**IN**ho na boca, aí você fala assim: é eu vô leva é pra mim come você fala assim. Aí foi passando ali, aí viu aquelas duas moça, viu assim na boca do cachorro do mato o sabiá. Aí ele quando passo ali, olha, olha ali o cachorro do mato ta levando um sabiá bunit**IN**ho na boca. Aí o cachorro do mato, começou a falar aí abriu a boca e o sabiá fugiu, foi embora. Aí foi cantá lá, onde tava cantando. Então a história acabo (risos)

IN Essa aí as criança gostam.